

este mundo romanescos é a melhor das apologias da Revolução, porque chama por ela, incapaz de soluções dentro de si mesmo.

Não sei, ao certo, qual seria o modo de pensar do romancista, acerca deste ponto. Mas qualquer que tenha sido a sua intenção, o que se vê claramente é que nenhum dos seus personagens possui, sequer ao menos, uma esperança de redenção. Poderia mesmo dizer-se que o que tornou implacável o Paulo Honório foi precisamente, a ânsia de redimir-se da situação inferior em que nascera. A revolução não viria a fazer da humanidade um Paulo Honório em ponto grande?

O que falta a toda esta obra, o que ela postula com uma evidência meridiana, é um Amor essencial, que liberte os homens das pequenas e grandes fatalidades. Mas Graciliano Ramos dá-nos a impressão de um juiz inexorável, de palavras secas e cortantes, diante de quem não há apelação nem agravo. É como se nos dissesse: — «A vida é assim, e acabou-se». Estilo e humanismo falhos de doçura, de amor e misericórdia, fatalismo sombrio, de que ele e suas criaturas romanescas, não sabem defender-se, porque não tem nada que invocar a seu favor. Energia, pois, meramente de fachada. Porque no fundo, são todos débeis, sem o apoio de qualquer ideia moral, desolados por uma grande estia-gem do coração e de afectos transenlentes. E daí o degenerarem facilmente para maníacos insignificantes, possuídos de obsessões e sem fronteiras nítidas entre o real e a halucinação. O que eles precisam não é da Revolução, é de quem os leve ao Amor verdadeiro. — JOÃO MENDES.

1  
um maisinha

I Congresso Nacional da Juventude  
Universitária Católica

XXXXXXXXXXXX



QUANDO certos acontecimentos atingem o brilho e significado registados pelo I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica Portuguesa (JUC e JUCF), o silêncio da *Brotéria* tornar-se-ia, se não criminoso, pelo menos inexplicável. Com os olhos deslumbrados, ainda, pela luz apoteótica dessas jornadas e o coração a trasbordar de emoção profunda, que se traduz por uma só expressão plena de sentido — esperança — vamos dar ideia sumária do que foram esses breves dias de piedade, estudo e acção, no capital do país, após as férias da Páscoa deste ano.

Anunciado de longa data ~~desde há dois anos~~ e precedido dum trabalho sério, organizado e afinado em dois encontros de todos os dirigentes gerais e diocesanos, celebrado em 1951 e 1952, nos dois centros universitários de Coimbra e Porto, os rapazes e raparigas das ~~Universidades clássicas e da Universidade técnica~~, reuniram-se, no vasto edifício do Instituto Superior Técnico de Lisboa, de 15 a 19 de Abril passado.

A Juventude Universitária Católica, em Portugal, constitui, nos seus dois ramos (masculino e feminino), um dos organismos especializados da Acção Católica Portuguesa. Ainda antes da fundação desta, existiam instituições universitárias juvenis, organizadas para efeitos de formação cultural, religiosa e social.

Pelo que respeita ao ramo feminino, trabalhamos nele, desde Novembro de 1929. Já lá vão, portanto, 24 anos. Foi, porém, desde o momento crucial para a vida católica portuguesa, que constitui o ano de 1933, data da fundação da organização oficial dos católicos portugueses para fins de apostolado, que a estruturação dos universitários católicos, em sectores adequados e de carácter nacional, marca um novo sítio na renovação espiritual da vida académica do país. Os esforços dispendidos, durante estes vinte anos, com energia e persistência, sem alardes nem formalismos estereotipados, viram-se coroados do maior êxito. A fé viva e genuíno espírito litúrgico dos actos colectivos de piedade, a seriedade e profundidade das reuniões plenárias e das sessões parciais de estudo, a iniciativa do mapa universitário e os seus dados estatísticos, que põem de manifesto, com a mais larga objectividade, a situação real do meio universitário português, sondado em todos os seus aspectos por uma série larga de inquéritos, alguns dos quais

Original  
e A Capite

argente

realiza-  
-se, no vos.  
To edifício  
do Instituto  
Superior  
Técnico,  
de 15 a 19  
de Abril  
de 1953,  
o I Congres-  
so Nacional

da juventude Universitária Católica (organizado pelas Direcções Gerais da J.U.C. e J.U.C.F.), com a assistência de cerca de 2.000 rapazes e raparigas das nossas três Universidades Clássicas e da Universidade Técnica de Lisboa.

supõem ~~uma~~ 10.000 ~~circulares~~ distribuídos, com cerca de 7.000 respostas recebidas — resultado proporcionalmente não obtido por nenhuma sondagem espontânea, até agora realizada no país —, tudo isto, associado à mais franca alegria e espírito de camaradagem, entre professores e alunos, entre rapazes e raparigas, marca alguma coisa de inédito, que deve ser ~~valorado~~ como uma consoladora promessa de rejuvenescimento no ambiente da Universidade, em Portugal.

A palavra de ordem de Pio XII, para toda a Cristandade, pode resumir-se na divisa felicíssima que a Juventude Universitária Católica gravou no seu emblema — uma candeia acesa aos pés da cruz — e tomada para guia espiritual dos seus trabalhos: — *Estar presente, servir a Igreja*. O maior mal de que sofre o nosso tempo é a ausência do Evangelho e de fiéis servidores que o tornem conhecido.

Esta ausência persistiu, durante décadas, nas nossas escolas superiores. Perante os problemas, que a situação actual do mundo e, nele, a do país lhes põem, a presença das verdades eternas, a completar a estrutura total do homem, torna-se, não só necessária, mas decisiva. Cabe a mestres e estudantes católicos fazerem-se portadores delas ~~mais que por via impositiva, merec da sua dedicação mensageira~~. Mensagem de acção? Sem dúvida, na medida do possível. Sempre e sem restrições, mensagem de exemplo. A presença do Evangelho na Universidade constitui a resposta condigna do cristão ao apelo de Cristo e o melhor serviço prestado à Igreja, a quem Ele confiou essa missão substancial e iniludível. Pio XII, desde o Congresso de «Pax Romana», reunido em Amsterdã, em 1950, tem recordado, por isso, esta missão de presença e de serviço, que se impõe, como nunca, no momento actual.

A Juventude Universitária Católica Portuguesa, escutou o apelo do Papa e, para realizar a sua presença viva do Evangelho na Universidade, quis, antes de mais nada, tomar posições, clarificando, com precisão, o conceito de Universidade, à luz do pensamento católico e atenta a sua origem e evolução, os seus fins, a sua natureza institucional, as suas responsabilidades sociais e as suas relações com a Igreja.

Dentro destas linhas fundamentais, é que ~~se~~ ~~de definir-se~~ a presença do universitário católico, na *alma mater*, que o modela para a vida, a amplitude e características da sua actuação apostólica, tendo em vista os diversos tipos actuais de Universidade, a função especial e actual da Universidade católica, o papel das organizações universitárias de estudantes e a posição do católico no seio delas, a situação da mulher na Universidade, a condição económico-social dos estudantes, o seu estado moral e religioso, as preocupações culturais e ideológicas da massa universitária, os seus problemas de estudo, sem esquecer, finalmente, o tema candente da vocação e preparação profissionais.

O interesse, despertado em toda a juventude universitária de Lisboa, Coimbra e Porto, excedeu as mais ousadas expectativas. Quando a comissão executiva se dava por satisfeita com algumas centenas de inscrições pagas, estas atingiram, na última semana que precedeu o Congresso, cerca de duas

exemplos

14

registado

na di-  
visa gra-  
vada no  
emblema  
do Congres-  
so —

se refer-  
tiram o  
Congresso  
e se defini-  
ram sobre  
o assunto

mil, tendo umas duzentas de ser rejeitadas por absoluta impossibilidade de encontrar espaço suficiente para os retardatários e não ser prudente comprometer a boa organização dos serviços, que, mercê do excelente funcionamento das sub-comissões, em todos os seus sectores, foi exemplaríssimo e nunca superado entre nós, merecendo, também, as delegações estrangeiras o mais alto apreço.

A 15 de Abril, à noite, após a chegada das delegações do Porto e Coimbra, em comboio especial, o ~~amplissimo~~ pavilhão das Oficinas do Instituto Superior Técnico, expressamente decorado para esse efeito, recebia os congressistas para a sessão solene de abertura. ~~Sob a presidência~~ Na mesa da presidência, Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, o representante do Senhor Nuncio Apostólico, o Ministro da Educação Nacional, o Senhor Arcebispo de Mitilene, o director do Instituto Superior Técnico, Bernard Ducret, Secretário Geral do Movimento Internacional dos Estudantes Católicos *Pax Romana*, o Dr. Fernando Magano, vice-reitor da Universidade do Porto, e os Presidentes da Comissão Executiva. Nas primeiras filas, numerosos prelados, os Reitores das Universidades Clássicas de Lisboa e Porto, o representante do Reitor de Coimbra, o Vice-reitor da Universidade Técnica de Lisboa, o Presidente do Instituto de Alta Cultura, o Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa e elevado número de Directores e Professores catedráticos das diversas Faculdades, nas suas insígnias académicas, professores extraordinários e assistentes, elementos official do Ministério da Educação Nacional, associações académicas, representantes dos vários organismos da Acção Católica, etc., tudo enquadrado por mais de dois mil congressistas. Na tribuna da grande imprensa e da rádio-difusão, um nutrido grupo de jornalistas e locutores (Emissora Nacional, Rádio-Renascença, Rádio-Universidade), que nos grandes diários de Lisboa e Província, bem como nas estações emisoras, prestaram, com a casa Philipps, encarregada da instalação sonora, os mais altos serviços de propaganda.

A sessão abriu pela leitura de uma mensagem de Sua Santidade Pio XII, enviada pelo Pro-secretário de Estado, Mons. Montini, ao Senhor Arcebispo de Mitilene e que a assistência escutou de pé. Dizia esse documento:

Vaticano, 9 de Abril de 1953.

Excelência:

*Na véspera do primeiro Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica, masculina e feminina, de Portugal, o Soberano Pontífice compraz-se em responder ao vosso filial pedido, dirigindo a todos esses queridos jovens, reunidos em Lisboa, os Seus votos paternais.*

*« O pensamento católico e a Universidade », tal será o tema desta assembleia, que se realizará sob o patrocínio do episcopado português, com a participação de professores das três universidades do país. Uns após outros, serão aí versados os múltiplos problemas que hoje põem à cons-*

A SESSÃO

SOLENE

INAUGUR.

RAZ

señor

supõem umas 10.000 circulares distribuídas, com cerca de 5.000 respostas recebidas — resultado proporcionalmente não obtido por nenhuma sondagem espontânea, até agora realizada no país —, tudo isto, associado à mais franca alegria e espírito de camaradagem, entre professores e alunos, entre rapazes e raparigas, marca alguma coisa de inédito, que deve ser saudado como uma consoladora promessa de rejuvenescimento no ambiente da Universidade, em Portugal.

A palavra de ordem de Pio XII, para toda a Cristandade, pode resumir-se, na divisa felicíssima que a Juventude Universitária Católica gravou no seu emblema — uma candeia acesa aos pés da cruz — e tomada para guia espiritual dos seus trabalhos: — *Estar presente, servir a Igreja.* O maior mal de que sofre o nosso tempo é a ausência do Evangelho e de fiéis servidores que o tornem conhecido.

Esta ausência persistiu, durante décadas, nas nossas escolas superiores. Perante os problemas, que a situação actual do mundo e, nele, a do país lhes põem, a presença das verdades eternas, a completar a estrutura total do homem, torna-se, não só necessária, mas decisiva. Cabe a mestres e estudantes católicos fazerem-se portadores delas, mais que por via impositiva, mercê da sua dedicação mensageira. Mensagem de acção? Sem dúvida, na medida do possível. Sempre e sem restrições, mensagem de exemplo. A presença do Evangelho na Universidade constitui a resposta condigna do cristão ao apelo de Cristo e o melhor serviço prestado à Igreja, a quem Ele confiou essa missão substancial e ineludível. Pio XII, desde o Congresso de «Pax Romana», reunido em Amsterdão, em 1950, tem recordado, por isso, esta missão de presença e de serviço, que se impõe, como nunca, no momento actual.

A Juventude Universitária Católica Portuguesa, escutou o apelo do Papa e, para realizar a sua presença viva do Evangelho na Universidade, quis, antes de mais nada, tomar posições, clarificando, com precisão, o conceito de Universidade, à luz do pensamento católico e atenta a sua origem e evolução, os seus fins, a sua natureza institucional, as suas responsabilidades sociais e as suas relações com a Igreja.

Dentro destas linhas fundamentais, é que há-de definir-se a presença do universitário católico, na *alma mater*, que o modela para a vida, a amplitude e características da sua actuação apostólica, tendo em vista os diversos tipos actuais de Universidade, a função especial e actual da Universidade católica, o papel das organizações universitárias de estudantes e a posição do católico no seio delas, a situação da mulher na Universidade, a condição económico-social dos estudantes, o seu estado moral e religioso, as preocupações culturais e ideológicas da massa universitária, os seus problemas de estudo, sem esquecer, finalmente, o tema candente da vocação e preparação profissionais.

O interesse, despertado em toda a juventude universitária de Lisboa, Coimbra e Porto, excedeu as mais ousadas expectativas. Quando a comissão executiva se dava por satisfeita com algumas centenas de inscrições pagas, estas atingiram, na última semana que precedeu o Congresso, cerca de duas

mil, tendo umas duzentas de ser rejeitadas por absoluta impossibilidade de encontrar espaço suficiente para os retardatários e não ser prudente comprometer a boa organização dos serviços, que, mercê do excelente funcionamento das sub-comissões, em todos os seus sectores, foi exemplarissimo e nunca superado entre nós, merecendo, também, as delegações estrangeiras o mais alto apreço.

**A SESSÃO**  
**SOLENE**  
**INAUGURAL**

A 15 de Abril, à noite, após a chegada das delegações do Porto e Coimbra, em comboio especial, o ~~amplissimo~~ <sup>numeroso</sup> pavilhão das Oficinas do Instituto Superior Técnico, expressamente decorado para esse efeito, recebia os congressistas para a sessão solene de abertura. ~~Sala à escura~~. Na mesa da presidência, Sua Eminência o ~~Senhor~~ Cardeal Patriarca de Lisboa, o representante do ~~Senhor~~ Núncio Apostólico, o ~~Ministro da~~ Educação Nacional, o ~~Senhor~~ Arcebispo de Mitilene, o ~~Director do~~ Instituto Superior Técnico, Bernard Dueret, Secretário Geral do Movimento Internacional dos Estudantes Católicos *Pax Romana*, o Dr. Fernando Magano, vice-reitor da Universidade do Porto, e os Presidentes da Comissão Executiva. Nas primeiras filas, numerosos prelados, os Reitores das Universidades Clássicas de Lisboa e Porto, o representante do Reitor de Coimbra, o Vice-reitor da Universidade Técnica de Lisboa, o Presidente do Instituto de Alta Cultura, o ~~Comissário Nacional da~~ Mocidade Portuguesa e elevado número de Directores e Professores catedráticos das diversas Faculdades, nas suas insignias académicas, professores extraordinários e assistentes, ~~elementos~~ oficiais do Ministério da Educação Nacional, associações académicas, representantes dos vários organismos da Acção Católica, etc., tudo ~~na~~ <sup>na</sup> ~~adradro~~ <sup>adradro</sup> por mais de dois mil congressistas. Na tribuna da grande imprensa e da rádio-difusão, um ~~grupos~~ grupo de jornalistas e locutores (Emissora Nacional, Rádio-Renascença, Rádio-Universidade), que nos grandes diários de Lisboa e Província, bem como nas estações emissoras, prestaram, com a casa Philipps, encarregada da instalação sonora, os mais altos serviços de ~~propaganda~~.

A sessão abriu pela leitura de uma mensagem de Sua Santidade Pio XII, enviada pelo Pro-secretário de Estado, Mons. Montini, ao ~~Senhor~~ Arcebispo de Mitilene e que a assistência escutou de pé. Dizia esse documento,

Vaticano, 9 de Abril de 1953.

Excelências:

*entre outras valiosas indicações*

Na ~~pléno~~ <sup>pléno</sup> do primeiro Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica, masculina e feminina, de Portugal, o Soberano Pontífice compraz-se em responder ao vosso filial pedido, dirigindo a todos esses queridos jovens, reunidos em Lisboa, os Seus votos paternais.

« O pensamento católico e a Universidade », tal será o tema desta assembleia, que se realizará sob o patrocínio do episcopado português, com a participação de professores das três universidades do país. Uns após outros, serão aí versados os múltiplos problemas que hoje põem à cons-



~~ciência dos estudantes a penetração e a irradiação da fé cristã, em todo o seu pensamento e em toda a sua vida.~~

«Neste tempo pascal, em que a Igreja celebra a ressurreição do Salvador, garantia duma fé inquebrantável e princípio dum alento apostólico sempre novo, os jovens congressistas gostarão de reflectir, com lucidez e confiança, nas suas obrigações intelectuais, nos seus deveres morais, nas suas responsabilidades sociais. Não serão, aliás, guiados neste estudo pelas orientações que Sua Santidade, há poucos meses, dirigia, dum modo particular, aos membros do Congresso Internacional de Paz Romana?»

«O apostolado intelectual é difícil. Tanto como qualquer outro, é estéril sem a graça haurida na oração e na frequência assídua dos sacramentos; mais que muitos outros, exige a autoridade duma competência pessoal, muitas vezes adquirida a preço de obscuras e pacientes fadigas. É tarefa das Organizações da Acção Católica Universitária, preparar para a Igreja e para a Pátria tais apóstolos, cujo pensamento, humilde e firme, se deixe prender, apenas, da verdade e cujo coração se abra largamente às necessidades espirituais e temporais de seus irmãos.»

~~Confiado, pois, de todo o coração, à maternal intercessão de Nossa Senhora de Fátima o futuro dos movimentos católicos da juventude académica portuguesa, o Santo Padre concede a Vossa Excelência, e a todos os que participam neste primeiro Congresso Nacional uma paternalíssima Bênção Apostólica.~~

~~Queira aceitar, Excelência, a expressão dos meus mais devotados sentimentos em Nossa Senhora.~~

a) J. B. MONTINI, Pró-secr.

~~Saudados com os mais vibrantes aplausos, as palavras de Sua Santidade, procedem o Presidente da Comissão Executiva à leitura dos telegramas de agradecimento ao Santo Padre e de saudação ao Senhor Presidente da República, ~~sublinhados com nozes e prolongadas salvas de palma,~~ e tomou a palavra para explicar os motivos do congresso sobre a Universidade. Exaltando-a como centro de formação do escol do país, destinado aos primeiros postos da direcção social e como ponto da mais elevada concentração do saber, o Dr. Adérito Sedas Nunes frisou que a preparação deste escol depende das qualidades que deve possuir. Essas qualidades determinam os próprios fins da Universidade. Os primeiros dotes dum chefe são inteligência bem formada, espirito rigoroso e metódico, independência de iniciativa e de juízo, plenitude de desenvolvimento das capacidades de compreensão e critica: ciência, cultura, competência profissional. Mais importantes, todavia, que as qualidades intelectuais, são os dotes morais e o espirito cívico; ~~Os génios tranviados cansaram grandes males ao mundo.~~ A Universidade não pode, por ~~se desinteressar-se,~~ decente dum tipo de homens moralmente valiosos, conscientes das suas responsabilidades sociais e nacionais, interessados e esclarecidos na problemática fundamental do seu tempo e devotados ao bem comum. ~~Independente mente de dos homens que~~~~

§ Em seguida, o Presidente da Comissão Executiva procedeu

em tipo igual ao do texto restante

Esse motivo,

também

por elas passarem, as Universidades são ~~facções~~ ~~lugares~~, onde se concentra e elabora a cultura.

Estudando os problemas fundamentais da Universidade, um congresso de rapazes e raparigas católicas, das várias Faculdades que a integram, não podia ~~desinteressar-se~~ do pensamento da Igreja. Porquê? Porque os problemas universitários, para eles, só podem ser apreendidos *no absoluto* da sua profundidade, quando encarados do ponto de vista duma concepção integral do mundo, do homem e da vida.

Deixar de ter seu conta  
 Estudar o problema da Universidade à luz do pensamento católico — que não é mera hipótese ou uma teoria qualquer da realidade, mas adquirida expressão humana e verdade absoluta e eterna — é colocá-lo na perspectiva que realmente lhe convém, e de modo particular nestes tempos, em que os erros terríveis do materialismo e do naturalismo evidenciam a vacuidade duma filosofia, construída sobre fundamentos puramente humanos, provando a razão que assiste a Pio XII, ao afirmar que todo o pensamento, que *negue* a interna e essencial conexão com Deus de tudo o que se refere aos homens ou *prescinda* dela, segue um caminho falso, e, enquanto com uma das mãos constrói, com a outra prepara os meios que, tarde ou cedo, porão em perigo ou destruirão a obra».

Lidos pelo secretário do congresso, Dr. Paulo Marques, numerosos telegramas e mensagens dirigidos à assembleia por personalidades e instituições universitárias do país e do estrangeiro, bem como de todos os Prelados portugueses, que não puderam estar presentes, foi dada a palavra ao ilustre cirurgião, professo de Medicina e vice-reitor da Universidade do Porto, Dr. Fernando Magano. Com a sua incontestável autoridade e a maior franqueza, o orador aponta «certo mal, coisa para muitos indefinida, mas padecimento ou imperfeição, que a todos diz, não estar certa a Escola, assim como está». «A estrutura actual é imperfeita, não satisfaz os anseios, nem de professores, nem de alunos. As condições de ensino científico, em algumas partes, são conflagradoras. No sentido da cultura, que consiste em preparar o homem de ciência para a vida, em ordem a que ele se valorize como pessoa e administre criteriosamente o seu saber, é por demais sabido que a escola actual não pode, ou pode mal realizar a sua missão, e sofre por não poder melhor...»

«Delineado para uma certa época histórica, tem-se a impressão de que o esquema da sua estrutura está fora do nosso momento e, sobretudo, tem-se quase a certeza de que, na sua orgânica actual, a Escola não servirá para os momentos que aí vêm. Os alunos agitam-se ordenadamente? Há que ouvir-lhes as perguntas, tomá-los a sério nas suas dúvidas; há que conviver. As formas superiores do ensino, dizia Agostinho de Campos, devem ter em mira, consideradas pelo seu aspecto mais prático e directamente social, a formação de dirigentes. Ou funcionam como escolas de verdadeira aristocracia, ou não são formas superiores de ensino. A única aristocracia aceitável, na Universidade, é a da inteligência e do carácter. As Universidades são obrigadas a preparar as aristocracias do saber e da doação. Her-



*ciência dos estudantes a penetração e a irradiação da fé cristã, em todo o seu pensamento e em toda a sua vida.*

*Neste tempo pascal, em que a Igreja celebra a ressurreição do Salvador, garantia duma fé inquebrantável e principio dum alento apostólico sempre novo, os jovens congressistas gostarão de reflectir, com lucidez e confiança, nas suas obrigações intellectuais, nos seus deveres morais, nas suas responsabilidades sociais. Não serão, aliás, guiados neste estudo pelas orientações que Sua Santidade, há poucos meses, dirigia, dum modo particular, aos membros do Congresso Internacional de Pax Romana?*

*O apostolado intellectual é difficil. Tanto como qualquer outro, é estéril sem a graça haurida na oração e na frequência assidua dos sacramentos; mais que muitos outros, exige a autoridade duma competência pessoal, muitas vezes adquirida a preço de obscuras e pacientes fadigas. É tarefa das Organizações da Acção Católica Universitária, preparar para a Igreja e para a Pátria tais apóstolos, cujo pensamento, humilde e firme, se deixe prender, apenas, da verdade e cujo coração se abra largamente às necessidades espirituais e temporais de seus irmãos.*

*Confiado, pois, de todo o coração, à maternal intercessão de Nossa Senhora de Fátima o futuro dos movimentos católicos da juventude académica portuguesa, o Santo Padre concede a Vossa Excelência, e a todos os que participam neste primeiro Congresso Nacional uma paternalissima Bênção Apostólica.*

*Queira aceitar, Excelência, a expressão dos meus mais devotados sentimentos em Nosso Senhor.*

a) J. B. MONTINI, Pro-secr.

Saudadas com os mais vibrantes aplausos, as palavras de Sua Santidade, procedeu o Presidente da Comissão Executiva à leitura dos telegramas de agradecimento ao Santo Padre e de saudação ao Senhor Presidente da República, sublinhados com novas e prolongadas salvas de palmas, e tomou a palavra para explicar os motivos do congresso sobre a Universidade. Exaltando-a como centro de formação do escol do país, destinado aos primeiros postos da direcção social e como ponto da mais elevada concentração do saber, o Dr. Adérito Sedas Nunes frison que a preparação deste escol depende das qualidades que deve possuir. Essas qualidades determinam os próprios fins da Universidade. Os primeiros dotes dum chefe são intelligência bem formada, espirito rigoroso e metódico, independência de iniciativa e de juizo, plenitude de desenvolvimento das capacidades de compreensão e critica: ciência, cultura, competência profissional. Mais importantes, todavia, que as qualidades intellectuais, são os dotes morais e o espirito cívico. Os génios transviados causaram grandes males ao mundo. A Universidade não pôde, por si, desinteressar-se, decerto, dum tipo de homens moralmente valiosos, consciences das suas responsabilidades sociais e nacionais, interessados e esclarecidos na problemática fundamental do seu tempo e devotados ao bem commum. Independentemente dos homens que



por elas passam, as Universidades são também focos, onde se concentra e elabora a cultura.

Estudando os problemas fundamentais da Universidade, um congresso de rapazes e raparigas católicas, das várias Faculdades que a integram, não podia ~~hesitar~~ ~~se~~ do pensamento da Igreja. Porquê? Porque os problemas universitários, para eles, só podem ser apreendidos *no absoluto* da sua profundidade, quando encarados do ponto de vista duma concepção integral do mundo, do homem e da vida.

Estudar o problema da Universidade à luz do pensamento católico, que não é mera hipótese ou uma teoria qualquer da realidade, mas adquirida expressão humana e verdade absoluta e eterna, é colocá-lo na perspectiva que realmente lhe convém, e de modo particular nestes tempos, em que os erros terríveis do materialismo e do naturalismo evidenciam a vacuidade duma filosofia, construída sobre fundamentos puramente humanos, provando a razão, que assiste a Pio XII, ao afirmar que todo o pensamento, que *negue* a interna e essencial conexão com Deus de tudo o que se refere aos homens ou *prescinda* dela, segue um caminho falso, e enquanto com uma das mãos constrói, com a outra prepara os meios que tarde ou cedo, porão em perigo ou destruirão a obra.

Lidos pelo secretário do congresso, Dr. Paulo Marques, numerosos telegramas e mensagens dirigidos à assembleia por personalidades e instituições universitárias do país e do estrangeiro, bem como de todos os Prelados portugueses, que não puderam estar presentes, foi dada a palavra ao ~~professor~~ ~~de~~ ~~Medicina~~ ~~e~~ ~~vice-reitor~~ da Universidade do Porto, Dr. Fernando Magano. Com a sua incontestável autoridade, ~~em~~ ~~maior~~ ~~franqueza~~, o orador aponta *Acerto mal*, coisa para muitos indefinida, mas padecimento ou imperfeição, que a todos diz, não estar certa a Escola, assim como está. A estrutura actual é imperfeita, não satisfaz os anseios, nem de professores, nem de alunos. As condições de ensino científico, em algumas partes, são conflagradoras. No sentido da cultura, que consiste em preparar o homem de ciência para a vida, em ordem a que ele se valorize como pessoa e administre criteriosamente o seu saber, é por demais sabido que a escola actual não pode, ou pode mal realizar a sua missão, e sofre por não poder melhor.

Delineado para uma certa época histórica, tem-se a impressão de que o esquema da sua estrutura está fora do nosso momento e, sobretudo, tem-se quase a certeza de que, na sua orgânica actual, a Escola não servirá para os momentos que aí vêm. Os alunos agitam-se ordenadamente? Há que ouvir-lhes as perguntas, tomá-los a sério nas suas dúvidas; há que conviver. As formas superiores do ensino, dizia Agostinho de Campos, devem ter em mira, consideradas pelo seu aspecto mais prático e directamente social, a formação de dirigentes. Ou funcionam como escolas de verdadeira aristocracia, ou não são formas superiores de ensino. A única aristocracia aceitável, na Universidade, é a da inteligência e do carácter. As Universidades são obrigadas a preparar as aristocracias do saber e da doação. Her-

deixar de ter em conta

de

Id

S

dámos uma escola da indiferença; tenhamos uma escola da responsabilidade. A escola dá-nos uma técnica, mas a vida pede-nos uma norma. A Escola não forma a generalidade dos homens. Como não tem doutrina, deixa-se facilmente conquistar por este ou aquele, que se arvora, ousadamente, em seu mentor. Daqui, duas imperfeições: «nem os homens que dela saem podem seguramente definir-se na medida das suas próprias responsabilidades, nem a Escola se define a si própria».

«Não conta a aula, nem por si nem pelos seus, na evolução geral da inquietação da sua hora; na definição dos problemas comuns, que interessam aos homens, não é ouvida nem achada.» Em matéria de ciência e de fé, quantos propagandistas ou divulgadores ou especulativos partidários, argüem por opposição, servindo-se de um cientismo obsoleto, andam tristemente desorientados, e não estão na sua hora. A ciência, que invocam para as suas negações ou caricaturas, é mero anacronismo ou propositada deformação. A técnica há-de ser posta ao serviço das pessoas, directa ou indirectamente. É, pois, necessário que o mestre, sem se cercear, no que quer que seja do conhecimento científico, não esqueça nem iluda o uso que o mesmo conhecimento pode vir a ter, em bem ou em mal. Uma vez mais, na história do mundo, neste momento de confusões de toda a espécie, a Igreja espevita as consciências e esclarece as inteligências. Tomando conta do seu momento temporal, vê as coisas intemporalmente. E, então, diz a palavra que fica: a palavra que fica, porque já era. A palavra da Igreja, que primeiro se dirige à consciência de cada um, envolve, logo, por sua mesma definição e carácter, a comunidade dos homens. E lembra-lhes que vivam a sua hora, Os homens postos na Hora de sempre.

Quem diz — «estar presente, servir a Igreja» — desenha o mais nobre programa da juventude: viver plenamente a sua hora, vivendo sinceramente a lei do Senhor Jesus. A Universidade diz o saber da hora; a Igreja ensina o saber de sempre. A Escola esclarece o viver; a Igreja enobrece a vida.

Toda a sala rompeu numa vibrantíssima salva de palmas, para saudar o ilustre vice-reitor da Universidade do Porto. Dificilmente, se podia manifestar, por parte das autoridades universitárias do país, nele representadas, mais alta compreensão das aspirações da Juventude Universitária, que comandavam a organização deste primeiro Congresso e as linhas gerais, tratadas pelo seu programa de trabalhos.

Em nome da Acção Católica, falou, depois, o seu digníssimo Presidente, Senhor Arcebispo de Mitilene.

«Cada homem é peregrino do Infinito, que em sua alma se traduz por sede de immortalidade, de felicidade e de perfeição. Todavia, facilmente, o homem desconhece, despreza ou desdenha a nobreza sobrenatural da sua origem e do seu destino, para vegetar em vida soturna de caprichos e de paixões, como se não brilhassem estrelas no céu, como se Deus não existisse. Conhece-se o desvaio do cientismo que, deslumbrado pelo clarão de invenções retumbantes, proclamou, como axioma do universo, a falência

da metafísica e da religião, consideradas, generosamente, sonhos infantis da humanidade ignara. Depois, foi a reacção contra a exaltação delirante, analisando-se, com fria objectividade, a vida, em todos os seus aspectos ».

Estabelecendo as fronteiras da ciência e da fé, verificando a salutar renovação cristã que está a verificar-se nas esferas intelectuais, tanto em Portugal como além fronteiras, em todo o mundo livre e até para além da tenebrosa cortina de ferro, não deixou, contudo, Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, de assinalar que o ambiente social está, ainda, bem longe de poder considerar-se robustamente recristianizado. A apostasia das massas operárias é um facto. No mundo intelectual e nas escolas superiores, « quantos campos de estudo e de investigação científica, como dizia Pio XII, em 1941, aos universitários italianos, se têm desenrolado e dilatado fora de todo o contacto com o pensamento católico, sem levar em conta a revelação sobrenatural, difundindo-se num ambiente, senão sempre anti-religioso, pelo menos sem preocupações religiosas » !

« Longe de causar estereis desalentos, o facto deve estimular o sentido apostólico dos universitários cristãos, cuja acção é capital na formação dos espíritos ». Num momento de crise aguda da Universidade Portuguesa, surgiu, em 1901, o C. A. D. C. de Coimbra. A centelha fez-se incêndio; e, hoje, os organismos da Juventude Universitária Católica, masculinos e femininos, constituem realidade soberba, com a qual podem contar a Igreja e a Pátria. A esses estudantes magníficos e aos diplomados, que forjam a alma nas lides do apostolado, está reservada missão decisiva na recristianização de Portugal.

« Qual a missão dos universitários cristãos, dentro da Acção Católica ? No campo das ideias, demonstrar que o pretensu divórcio entre a ciência e a fé não passa de ilusão. Na palavra de Pio XII, têm a missão de restabelecer os contactos, reatar os laços, assegurar a penetração mútua dos dois mundos do saber — a alta ciência universitária e a luz revelada por Cristo. Isto não significa, evidentemente, que o universitário católico faça apostolado com prejuizo dos seus deveres profissionais. Mas, para além das observações rigorosas, das pesquisas infatigáveis, das experiências dos laboratórios, considerará todas as coisas na sua harmonia universal com Deus. Como todo o cristão, por imposição da fé e por exigência da caridade, deve ser foco de irradiação espiritual, também o universitário será apóstolo. O seu « apostolado traduz-se na palavra-luz, inteligente e oportuna, que atinge as almas, sem feri-las; no exemplo encorajante e construtivo, que, sem coacções, faz apelo para as alturas; na acção sacrificada e generosa, que, delicadamente, põe as consciências perante os problemas da vida, fazendo erguer os olhos da terra para o céu. É de lamentar que, em país de tantas tradições cristãs, não haja, ainda, uma Universidade católica, lareira superior de doutrina teológica e de apostolado social, que iluminasse e aquecesse toda a terra portuguesa, — com lições, com livros, com revistas ». Felizmente, possuímos, já, um escol notável de universitários católicos, de fé esclarecida e de vida irrepreensível. O presente Congresso

dámos uma escola da indiferença; tenhamos uma escola da responsabilidade. A escola dá-nos uma técnica, mas a vida pede-nos uma norma. A Escola não forma a generalidade dos homens. Como não tem doutrina, deixa-se, facilmente, conquistar por este ou aquele, que se arvora, ousadamente, em seu mentor. Daqui, duas imperfeições: «nem os homens que dela saem podem seguramente definir-se na medida das suas próprias responsabilidades, nem a Escola se define a si própria».

«Não conta a aula, nem por si nem pelos seus, na evolução geral da inquietação da sua hora; na definição dos problemas comuns, que interessam aos homens, não é ouvida nem achada. Em matéria de ciência e de fé, quantos propagandistas ou divulgadores ou especulativos partidários, arguem por opposição, servindo-se de um cientismo obsoleto, andam tristemente desorientados, e não estão na sua hora. A ciência, que invocam para as suas negações ou caricaturas, é mero anacronismo ou propositada deformação. A técnica há-de ser posta ao serviço das pessoas, directa ou indirectamente. É, pois, necessário que o mestre, sem se cercear, no que quer que seja do conhecimento científico, não esqueça nem iluda o uso que o mesmo conhecimento pode vir a ter, em bem ou em mal. Uma vez mais, na história do mundo, neste momento de confusões de toda a espécie, a Igreja espreita as consciências e esclarece as inteligências. Tomando conta do seu momento temporal, vê as coisas intemporalmente. E, então, diz a palavra que fica: a palavra que fica, porque já era. A palavra da Igreja, que primeiro se dirige à consciência de cada um, envolve, logo, por sua mesma definição e carácter, a comunidade dos homens. E lembra-lhes que vivam a sua hora, e não os outros. Hora de sempre».

Quem diz — «estar presente, servir a Igreja» — desenha o mais nobre programa da juventude: viver plenamente a sua hora, vivendo sinceramente a lei do Senhor Jesus. A Universidade diz o saber da hora; a Igreja ensina o saber de sempre. A Escola esclarece o viver; a Igreja enobrece a vida».

Toda a sala rompeu numa vibrantíssima salva de palmas, para saudar o ilustre vice-reitor da Universidade do Porto. Dificilmente, se podia manifestar, por parte das autoridades universitárias do país, nele representadas, mais alta compreensão das aspirações da Juventude Universitária, que comandavam a organização deste primeiro Congresso e as linhas gerais, traçadas pelo seu programa de trabalhos.

Em nome da Acção Católica, falou, depois, o seu digníssimo Presidente, Senhor Arcebispo de Mitilene.

«Cada homem é peregrino do Infinito, que em sua alma se traduz por sede de imortalidade, de felicidade e de perfeição. Todavia, facilmente, o homem desconhece, despreza ou desdenha a nobreza sobrenatural da sua origem e do seu destino, para vegetar em vida soturna de caprichos e de paixões, como se não brilhassem estrelas no céu, como se Deus não existisse. Conhece-se o desvaio do cientismo que, deslumbrado pelo clarão de invenções retumbantes, proclamou, como axioma do universo, a falência



da metafísica e da religião, consideradas, generosamente, sonhos infantis da humanidade ignara. Depois, foi a reacção contra a exaltação delirante, analisando-se, com fria objectividade, a vida, em todos os seus aspectos.

Estabelecendo as fronteiras da ciência e da fé, verificando a salutar renovação cristã que está a ~~possibilitar~~ nas esferas intelectuais, tanto em Portugal como além fronteiras, ~~em todo o mundo livre e até para além da~~ tenebrosa cortina de ferro, não deixou, contudo, Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> ~~de considerar~~ que o ambiente social está, ainda, bem longe de poder considerar-se robustamente recristianizado. ~~A apostasia das massas operárias é um facto.~~ No mundo intelectual e nas escolas superiores, « quantos campos de estudo e de investigação científica, como dizia Pio XII, em 1941, aos universitários italianos, se têm desenrolado e dilatado fora de todo o contacto com o pensamento católico, sem levar em conta a revelação sobrenatural, difundindo-se num ambiente, senão sempre anti-religioso, pelo menos sem preocupações religiosas »!

Longe de causar estêreis desalentos, o facto deve estimular o sentido apostólico dos universitários cristãos, cuja acção é capital na formação dos espíritos. Num momento de crise aguda da Universidade Portuguesa, surgiu, em 1901, o C. A. D. C. de Coimbra. A centelha fez-se incêndio; e, hoje, os organismos da Juventude Universitária Católica, masculinos e femininos, constituem realidade soberba, com a qual podem contar a Igreja e a Pátria. A esses estudantes magníficos e aos diplomados, que forjam a alma nas lides do apostolado, está reservada missão decisiva na recristianização de Portugal.

Qual a missão dos universitários cristãos, dentro da Acção Católica? No campo das ideias, demonstrar que o pretenso divórcio entre a ciência e a fé não passa de ilusão. Na palavra de Pio XII, têm a missão de restabelecer os contactos, reatar os laços, assegurar a penetração mútua dos dois mundos do saber — a alta ciência universitária e a luz revelada por Cristo. Isto não significa, evidentemente, que o universitário católico faça apostolado com prejuízo dos seus deveres profissionais. Mas, para além das observações rigorosas, das pesquisas infatigáveis, das experiências dos laboratórios, considerará todas as coisas na sua harmonia universal com Deus. Como todo o cristão, por imposição da fé e por exigência da caridade, deve ser foco de irradiação espiritual, também o universitário será apóstolo. O seu apostolado traduz-se na palavra-luz inteligente e oportuna, que atinge as almas, sem feri-las; no exemplo encorajante e construtivo, que, sem coacções, faz apelo para as alturas; na acção sacrificada e generosa, que, delicadamente, põe as consciências perante os problemas da vida, fazendo erguer os olhos da terra para o céu. É de lamentar que, em país de tantas tradições cristãs, não haja, ainda, uma Universidade católica, lareira superior de doutrina teológica e de apostolado social, que iluminasse e aquecesse toda a terra portuguesa, — com lições, com livros, com revistas. Felizmente, possuímos, já, um escol notável de universitários católicos, de fé esclarecida e de vida irrepreensível. O presente Congresso

Causam  
do por  
estabelecer

operar-se

e ne-  
rifi-  
car

passi-  
onal

é uma esplêndida aurora, carregada de projectos audaciosos e de claras esperanças. Abençoada, foi a sementeira. Por Deus, será abundante a messe promissora.

Com igual entusiasmo, recebeu a assistência as palavras autorizadas do eloquente prelado.

O Senhor Cardeal Patriarca encerrou a sessão, congratulando-se pela elevada forma como tinha decorrido o acto inaugural do Primeiro Congresso da Juventude Universitária Católica. O seu lema não podia ser mais oportuno, na hora em que se forja um mundo novo: estar presente, para que ele seja edificado, não na escravidão, mas na liberdade, na alegria, na paz, na bondade, na verdade, no amor. Servir a Igreja, farol de Luz e da Verdade de Cristo, é autêntica libertação. A sessão magnífica abria, com esplendor, a marcha heróica da Universidade renovada.

No dia 16, de manhã, as naves da Sé Patriarcal encheram-se, de lés a lés, para a missa do Espírito Santo, com a grande massa de congressistas, acompanhados por professores e autoridades académicas. De joelhos, os profissionais da inteligência iam buscar, à fonte de toda a luz, um suplemento de claridade divina para as grandes tarefas destas jornadas. Ambiente de recolhimento profundo, e comunhão espiritual, na vida litúrgica da Igreja. Todos os assistentes, numa impressionante firmeza de voz e calor de sentimentos, entoaram as orações da manhã, apropriadas ao officio divino da Igreja, e em rigoroso canto gregoriano o *Veni Creator*. Celebrou o Sr. Arcebispo de Mitilene e todos dialogaram com ele, ~~apoiando~~ as orações da missa. Ao Evangelho, o celebrante exorte os presentes a procurar, na sua formação ~~intelectual~~, o necessário equilíbrio entre a cultura científica e a cultura religiosa. As crises religiosas provêm, muitas vezes, de não sabermos dar resposta condigna a problemas que se põem ao nosso espírito. É preciso estabelecer a necessária harmonia entre a vida intelectual e a vida moral. Nenhum de nós deixará o mundo como o encontrou, mas sempre mais rico ou mais pobre. Procuremos enriquecer o mundo.

A Missa prosseguiu. Os dirigentes jucistas de Lisboa fazem a oferta das oblatas, enquanto a assistência recita a oração do Congresso. À comunhão, ~~milhares de jovens abeiraram-se da sagrada mesa. São quatro sacerdotes a distribuí-la com o celebrante.~~ Os cânticos eucarísticos, tal e qual como durante a santo sacrificio, fundem-se, nos ares, em acento comunitário impecável. Depois, a acção de graças litúrgica. Nos claustros da Sé, serve-se o pequeno almoço e os congressistas tomam os transportes para o Instituto Superior Técnico, em cujas instalações têm lugar os trabalhos: sessões plenárias e reuniões parciais.

Às 11 horas, o grande pavilhão das Oficinas está literalmente cheio. Na presidência, o Prof. da Faculdade de Direito de Lisboa, Dr. Manuel Gomes da Silva, com os elementos componentes da Comissão Executiva. Nas cadeiras da frente, os Senhores Arcebispo-Bispo de Coimbra e Bispo do Porto, numero ~~assim~~ professores universitários. A primeira tese ~~foi~~ fora confiada ao Prof. Dr. Guilherme Braga da Cruz, que, por luto recente, não

A MISSA  
DE ABER-  
TORA

a gran  
totalida  
de dos  
proce-  
tes

da Facul  
dade de  
Direito de  
Coimbra

A 1ª REU  
NIÃO PEE  
NÁRIA

1905

fundamental

e os assistentes eclesíasticos

do Congresso, ~~que se realizou no~~

pôde lê-la, tendo-se prestado, gentilmente, a esse trabalho, o Prof. Dr. Pires Cardoso, do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras.

O douto professor de Coimbra, antes de desenvolver o seu tema, — « Origem e evolução da Universidade », justifica o plano adoptado: contribuir com os ensinamentos da história para uma compreensão melhor das quatro teses fundamentais do Congresso. Encarando a Universidade como instituição, o Dr. Braga da Cruz apresenta-a como uma genuína criação medieval, analisando as causas que contribuíram para a formar, os diferentes tipos que ela reveste quanto à origem e a completa autonomia institucional da Universidade primitiva (séculos XII e XIII). Depois de um período de grande florescimento, esta autonomia começa a revelar sintomas de decadência, nos séculos XIV e XV, apontando o dissertante as suas causas e efeitos. A Reforma protestante, longe de prestigiar a Universidade, utilizou a força política do Estado para oprimi-la, transformando-a num organismo político ao serviço da heresia, no século XVI. A Universidade católica conseguiu resistir a esta absorção do Estado e prestou os mais assinalados serviços no movimento da Contra-reforma dos séculos XVI e XVII. O despotismo esclarecido exerceu a sua acção reformadora sobre as universidades da Europa. A reforma pombalina da Universidade de Coimbra, no século XVIII, entrou nessa corrente e foi benéfica, sob certos pontos de vista. Mas, sob outros, foi funesta, e nomeadamente atentou contra a autonomia originária da instituição, fazendo, do ensino universitário, um ensino do Estado ao serviço do Estado.

A finalidade da instituição universitária não mantém um carácter estático. A missão da Universidade medieval revestia estes três objectivos bem definidos: ensinar os conhecimentos indispensáveis para o exercício das altas profissões comunitárias; formar os quadros científicos das disciplinas cultivadas, em cuja efectivação a Escolástica desempenhou um papel de primeira ordem; e hierarquizar os conhecimentos humanos, dentro dum conceito unitário da ciência. O Humanismo abriu novos horizontes à missão universitária nos séculos XV e XVI. Integrou novas disciplinas no ensino universitário, desenvolveu o espírito crítico e rejuvenesceu as disciplinas tradicionais. Sob o signo da Reforma e da Contra-reforma (nos séculos XVI e XVII) as universidades dos países protestantes acanharam os seus horizontes. Nos séculos XVII e XVIII, nos países católicos, a Universidade alarga o seu campo de acção, do ensino das ciências da natureza à investigação científica. Quando as ciências especulativas perdem o seu prestígio, na segunda metade do século XVII, o utilitarismo do saber ganha o predomínio. A Universidade, perante a Revolução francesa e o Estado liberal, reage, mas já sem força. A progressiva laicização do ensino traz as mais funestas consequências.

Sob o ponto de vista da consciência das responsabilidades sociais, nos homens de estudo, pode dizer-se que esta é criação genuína da Universidade medieval, pois a ciência antiga não a conheceu. A Universidade, desde a sua origem ao século XVIII, procurou colocar, cada vez mais, a ciência



é uma esplêndida aurora, carregada de projectos audaciosos e de claras esperanças. Abnegada, foi a sementeira. Por Deus, será abundante a messe promissora.

Com igual entusiasmo, recebeu a assistência as palavras autorizadas do eloquente prelado.

O Senhor Cardeal Patriarca encerrou a sessão, congratulando-se pela elevada forma como tinha decorrido o acto inaugural do Primeiro Congresso da Juventude Universitária Católica. O seu lema não podia ser mais oportuno, na hora em que se forja um mundo novo: estar presente, para que ele seja edificado, não na escravidão, mas na liberdade, na alegria, na paz, na bondade, na verdade, no amor. Servir a Igreja, farol de Luz e da Verdade de Cristo, é autêntica libertação. A sessão magnífica abria, com esplendor, a marcha heróica da Universidade renovada.

No dia 16, de manhã, as naves da Sé Patriarcal encheram-se, de lés a lés, para a missa do Espírito Santo, com a grande massa de congressistas, acompanhados por professores e autoridades académicas. De joelhos, os profissionais da inteligência iam buscar, à fonte de toda a luz, um suplemento de claridade divina para as grandes tarefas destas jornadas. Ambiente de recolhimento profundo e comunhão espiritual, na vida litúrgica da Igreja. Todos os assistentes, numa impressionante firmeza de voz e calor de sentimentos, entoaram as orações da manhã, apropriadas ao officio divino da Igreja, e em rigoroso canto gregoriano o *Veni Creator*. Celebrou o Sr. Arcebispo de Mitilene e todos dialogaram com ele, a uníssono, as orações da missa. Ao Evangelho, o celebrante exorta os presentes a procurar, na sua formação universitária, o necessário equilíbrio entre a cultura científica e a cultura religiosa. As crises religiosas provêm, muitas vezes, de não sabermos dar resposta condigna a problemas que se põem ao nosso espirito. É preciso estabelecer a necessária harmonia entre a vida intelectual e a vida moral. Nenhum de nós deixará o mundo como o encontrou, mas sempre mais rico ou mais pobre. Procuremos enriquecer o mundo.

A Missa prosseguiu. Os dirigentes jucistas de Lisboa fazem a oferta das oblatas, enquanto a assistência recita a oração do Congresso. À comunhão, milhares de jovens abeiraram-se da sagrada mesa. São quatro sacerdotes a distribuí-la com o celebrante. Os cânticos eucarísticos, tal e qual como durante a santo sacrificio, fundem-se, nos ares, em acento comunitário impecável. Depois, a acção de graças litúrgica. Nos claustros da Sé, serve-se o pequeno almoço e os congressistas tomam os transportes para o Instituto Superior Técnico, em cujas instalações têm lugar os trabalhos: sessões plenárias e reuniões parciais.

As 11 horas, o grande pavilhão das Oficinas está literalmente cheio. Na presidência, o Prof. da Faculdade de Direito de Lisboa, Dr. Manuel Gomes da Silva, com os elementos componentes da Comissão Executiva. Nas cadeiras da frente, os Senhores Arcebispo-Bispo de Coimbra e Bispo do Porto, numerosíssimos professores universitários. A primeira tese geral fora confiada ao Prof. Dr. Guilherme Braga da Cruz, que, por luto recente, não



pôde lê-la, tendo-se prestado, gentilmente, a esse trabalho, o Prof. Dr. Pires Cardoso, do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras.

O douto professor de Coimbra, antes de desenvolver o seu tema, "Origem e evolução da Universidade", justifica o plano adoptado: contribuir com os ensinamentos da história para uma compreensão melhor das quatro teses fundamentais do Congresso. Enfatizando a Universidade como instituição, o Dr. Braga da Cruz apresenta-a como uma genuína criação medieval, analisando as causas que contribuíram para a formar, os diferentes tipos que ela reveste quanto à origem e a completa autonomia institucional da Universidade primitiva (séculos XII e XIII). Depois de um período de grande florescimento, esta autonomia começa a revelar sintomas de decadência, nos séculos XIV e XV, apontando o dissertante as suas causas e efeitos. A Reforma protestante, longe de prestigiar a Universidade, utilizou a força política do Estado para oprimi-la, transformando-a num organismo político ao serviço da heresia, no século XVI. A Universidade católica conseguiu resistir a esta absorção do Estado e prestou os mais assinalados serviços no movimento da Contra-reforma dos séculos XVI e XVII. O despotismo esclarecido exerceu a sua acção reformadora sobre as universidades da Europa. A reforma pombalina da Universidade de Coimbra, no século XVIII, entrou nessa corrente e foi benéfica, sob certos pontos de vista. Mas, sob outros, foi funesta, e nomeadamente atentou contra a autonomia originária da instituição, fazendo, do ensino universitário, um ensino do Estado ao serviço do Estado.

A finalidade da instituição universitária não mudou ao carácter estático. A missão da Universidade medieval revestia estes três objectivos bem definidos: ensinar os conhecimentos indispensáveis para o exercício das altas profissões comunitárias; formar os quadros científicos das disciplinas cultivadas, em cuja efectivação a Escolástica desempenhou um papel de primeira ordem; e hierarquizar os conhecimentos humanos, dentro dum conceito unitário da ciência. O Humanismo abriu novos horizontes à missão universitária nos séculos XV e XVI. Integrou novas disciplinas no ensino universitário, desenvolveu o espírito crítico e rejuvenesceu as disciplinas tradicionais. Sob o signo da Reforma e da Contra-reforma (nos séculos XVI e XVII), as universidades dos países protestantes acanham os seus horizontes. Nos séculos XVII e XVIII, nos países católicos, a Universidade alarga o seu campo de acção, do ensino das ciências da natureza à investigação científica. Quando as ciências especulativas perdem o seu prestígio, na segunda metade do século XVII, o utilitarismo do saber ganha o predomínio. A Universidade, perante a Revolução francesa e o Estado liberal, reage, mas já sem força. A progressiva laicização do ensino traz as mais funestas consequências.

Sob o ponto de vista da consciência das responsabilidades sociais, nos homens de estudo, pode dizer-se que esta é criação genuína da Universidade medieval, pois a ciência antiga não a conheceu. A Universidade, desde a sua origem ao século XVIII, procurou colocar, cada vez mais, a ciência

Sobre, ao longo dos séculos, diversas vicissitudes, a portanto o dissertante as suas causas e efeitos

Tem de afirmar-se

Em desenvolvimento todo seu tema - "Origem e evolução da Universidade" - Dr. Braga da Cruz, encarecendo

Terminado o trabalho do Prof. Braga da Cruz, procedeu-se à leitura das duas comunicações que estavam sobre a mesa: uma

ao dispor da comunidade e ao alcance de todos os homens, sem distinção de condições sociais e económicas. Neste sentido, os colégios universitários, de tipo oxeniano, desenvolveram uma acção benemérita. De modo geral, sobretudo nos países católicos, a Universidade cumpriu a sua missão social de servir a verdade e impedir a difusão do erro.

Perante a história, a Universidade pode dizer-se criação da Igreja. Enquanto viveu livre do despotismo absolutista do poder político, a Universidade prestou assinalados serviços à Igreja.

Interrompido, várias vezes, com os aplausos de todos os assistentes, o trabalho do Dr. Braga da Cruz, pela exposição objectiva, claríssima e desacompanhada de crítica, causou a melhor impressão. Os trabalhos do Congresso — via-se — tomavam altura invulgar de seriedade e espírito constructivo.

Estavam sobre a mesa ~~duas~~ comunicações. Apenas duas puderam ser lidas: Uma do Dr. Evangelista Loureiro sobre os « Colégios Maiores de Espanha », e outra de Manuel Cortes Rosa sobre « Leonardo Coimbra e a História e Teoria da Ciência », na qual se dava a conhecer um precioso inédito do malogrado escritor, respeitante à criação de uma cadeira, destinada a estruturar, unitária e organicamente, as diversas formas de saber, assimiladas, nos cursos superiores, pelo estudante universitário.

A sessão plenária da tarde versou sobre « Os fins da Universidade », tema confiado ao Prof. Eng. Manuel Correia de Barros, director da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Na presidência, o Prof. Dr. Fernando Magano, ~~director da Faculdade de Engenharia do Porto~~ ~~de Sacavém~~. Nas primeiras filas, os senhores Arcebispo de Mitilene, Arcebispo-Bispo de Coimbra e Bispo do Porto, vários directores de Faculdades, numerosos professores catedráticos das diferentes especialidades, e o resto da sala completamente cheia de alunos universitários. O Dr. Fernando Magano apresenta o Eng. Correia de Barros, como uma das mais brilhantes inteligências da Engenharia Portuguesa e como seu expoente máximo, quer enquanto professor, quer enquanto técnico.

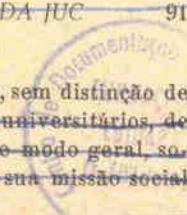
Todos estão de acordo, diz o orador, em que a Universidade tem, por missão essencial, a formação dum escol. E quase todos admitem, como função integrante, a de, pela investigação, promover o progresso da ciência.

É preciso, porém, dizer de que espécie de escol se trata e qual o objectivo para o qual se quer formá-lo. Uma e outra coisa dependem do conceito que se forme da Universidade. Reveste quatro tipos: o corporativo, o humanístico, o estatista ou totalitário, e o profissional ou técnico. Segundo o conceito humanístico, o escol que a Universidade tem por função criar, é um escol de homens de carácter. Interessa menos o que a Universidade ensina do que as personalidades que ela forma. Dentro deste conceito, não cabem, na Universidade, as profissões liberais. O conceito estatista, levado ao extremo totalitário, é o que vigora, hoje, nos países, onde o despotismo, subordina toda a nação a uma ideologia e procura servidores nela, ao mesmo tempo, competentes, dóceis e fanáticos. Dentro deste conceito, a



Moço  
A 2ª REUNIAO PLENARIA

reuniao



finalmente



18

Universidade deve formar as categorias mais elevadas destas servidores. No conceito técnico, o que interessa não é o homem, nem mesmo um tipo deformado e sectário; interessa o profissional. Esta maneira de ver produz-se pelo desprezo da cultura e da formação da mentalidade e do carácter, em benefício duma simples aprendizagem profissional.

O conceito corporativo é o primitivo e, sempre, o mais autêntico. Nasceu, quando as escolas claustrais encontraram ambiente, para tomar contacto com a vida civil. Não tem interesse, apenas, para a época que o criou; pode adaptar-se a todas as épocas e a todos os lugares e sintetiza tudo o que há de aceitável nos conceitos posteriores. É, por isso, o conceito universitário por essência. Exige que sejam respeitados alguns princípios: a liberdade de fundação dos colégios e outros institutos universitários; a residência colegial dos estudantes, a não poder ser em casa de família; a assistência pessoal directa, para aconselhar e orientar o aluno; continuidade das instituições universitárias; fidelidade de cada instituto universitário ao seu fim particular, como meio de assegurar o fim geral da Universidade a que pertence. O ensino da teologia, sem interferências regalistas, tem lugar de honra, neste conceito.

Em Portugal, o conceito dominante é o técnico. Muitos sintomas permitem esperar o ressurgimento do conceito corporativo.

A assistência, que seguiu com o maior interesse o discurso do Eng. Correia de Barros, coroou-o com prolongadas salvas de palmas.

Assumiu, então, a presidência o Prof. Sousa da Câmara, que passou a dirigir a leitura de comunicações, ou seus resumos, por absoluta falta de tempo. Damos, apenas, os títulos de algumas. Neves e Castro, de Lisboa: «A investigação científica na vida universitária»; Equipa de alunos do 2.º ano da Faculdade de Letras de Lisboa: «A formação intelectual e as exigências da especialização»; Ramiro Lima Monteiro: «Meios práticos de realizar a síntese cultural na universidade»; Celinda Rosa Esteves Lourenço: «Acção da mulher universitária na formação da personalidade intelectual feminina»; Maria Adélaide da Cruz Calado: «A preparação e o estado cultural do universitário»; Manuel Franco Queiroz: «Alguns aspectos da introdução de cadeiras de cultura na Universidade»; Maria da Graça Varela Cid e Manuel Temudo: «Problemas culturais e ideológicos do universitário»; Efigénia Vilaça Delgado: «Universidade, escola de profissionais»; José Keating: «Contribuição para o estudo das possibilidades de investigação na Universidade Portuguesa»; Maria da Conceição Tavares da Silva: «Cultura e profissão»; Aurora de Oliveira Fonseca: «O problema das licenciaturas»; Heline Otefo Morais Neves: «Tentativa de crítica do plano de estudos da licenciatura das ciências físico-químicas»; Maria Clotilde Teixeira da Rocha: «A cultura e a mulher: sua influência recíproca».

Sobre os colégios maiores em Espanha, falou o Prof. D. Isidoro Martínez y Martínez, director do Colégio de S. Paulo, de Madrid. O Dr. Francisco Pereira de Moura traçou o panorama actual da formação do estudante universitário, subordinando o seu trabalho à epígrafe: «A Universidade

ao dispor da comunidade e ao alcance de todos os homens, sem distinção de condições sociais e económicas. Neste sentido, os colégios universitários, de tipo oxoniano, desenvolveram uma acção benemerita. De modo geral, sobretudo nos países católicos, a Universidade cumpriu a sua missão social de servir a verdade e impedir a difusão do erro.

Perante a história, a Universidade pode dizer-se criação da Igreja. Enquanto viveu livre do despotismo absolutista do poder político, a Universidade prestou assinalados serviços à Igreja.

Interrompido, várias vezes, com os aplausos de todos os assistentes, o trabalho do Dr. Braga da Cruz, pela exposição objectiva, claríssima e desasombradamente crítica, causou a melhor impressão. Os trabalhos do Congresso — via-se — tomavam altura invulgar de seriedade e espírito construtivo.

Estavam sobre a mesa numerosas comunicações. Apenas duas puderam ser lidas. Uma do Dr. Evangelista Loureiro sobre os « Colégios Maiores de Espanha » e outra de Manuel Cortes Rosa sobre « Leonardo Coimbra e a História e Teoria da Ciência », na qual se dava a conhecer um precioso inédito do malogrado escritor, respeitante à criação de uma cadeira, destinada a estruturar, unitária e orgânicamente, as diversas formas de saber, assimiladas, nos cursos superiores, pelo estudante universitário.

A sessão plenária da tarde versou sobre « Os fins da Universidade », tema confiado ao Prof. Eng. Manuel Correia de Barros, director da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Na presidência, o Prof. Dr. Fernando Magano e Prof. Sousa da Câmara, director da Estação Agronómica de Sacavem. Nas primeiras filas, os senhores Arcebispo de Milene, Arcebispo-Bispo de Coimbra e Bispo do Porto, vários directores de Faculdades, numerosos professores catedráticos das diferentes especialidades, e o resto da sala completamente cheia de alunos universitários. O Dr. Fernando Magano apresenta o Eng. Correia de Barros, como uma das mais brilhantes inteligências da Engenharia Portuguesa e como seu expoente máximo, quer enquanto professor, quer enquanto técnico.

« Todos estão de acordo, diz o orador, em que a Universidade tem, por missão essencial, a formação dum escol. E quase todos admitem, como função integrante, a de, pela investigação, promover o progresso da ciência.

É preciso, porém, dizer de que espécie de escol se trata e qual o objectivo para o qual se quer formá-lo. Uma e outra coisa dependem do conceito que se forme da Universidade. Reveste quatro tipos: o corporativo, o humanístico, o estatista ou totalitário, e o profissional ou técnico. Segundo o conceito humanístico, o escol que a Universidade tem por função criar, é um escol de homens da carácter. Interessa menos o que a Universidade ensina do que as personalidades que ela forma. Dentro deste conceito, não cabem, na Universidade, as profissões liberais. O conceito estatista, ligado ao extremo totalitário, é o que vigora, hoje, nos países, onde o despotismo, subordina toda a nação a uma ideologia e procura servidores nela, ao mesmo tempo, competentes, dóceis e fanáticos. Dentro deste conceito, a

Dr. Luis Archer: "O papel da filosofia em  
tre a especializaçães científica e a sin-  
tese universitária";  
BROTERIA

Tendo a-  
colado de  
falar o  
orador,  
assumiu

Este  
conceito  
exige

Foram as  
seguintes:

barro  
Vf

Sara Cus-  
tina Si-  
mões Por-  
to e Es-  
tela Fer-

reira Franco, "O ensino prático  
na preparação profissional";

Universidade deve formar as categorias mais elevadas destas servidores. No conceito técnico, o que interessa não é o homem, nem mesmo um tipo deformado e sectário; interessa o profissional. Esta maneira de ver produz-se pelo desprezo da cultura e da formação da mentalidade e do carácter, em benefício duma simples aprendizagem profissional.

O conceito corporativo é o primitivo e, sempre, o mais autêntico. ~~Nas-  
cen,~~ quando as escolas claustrais encontraram ambiente, para tomar con-  
tacto com a vida civil. Não tem interesse, apenas, para a época que o criou; pode adaptar-se a todas as épocas e a todos os lugares e sintetiza tudo o que há de aceitável nos conceitos posteriores. É, por isso, o conceito uni-  
versitário por essência. Exige que sejam respeitados alguns princípios: a liberdade de fundação dos colégios e outros institutos universitários; a residência colegial dos estudantes, a não poder ser em casa de família; a assistência pessoal directa, para aconselhar e orientar o aluno; continuidade das instituições universitárias; fidelidade de cada instituto universitário ao seu fim particular, como meio de assegurar o fim geral da Universidade a que pertence. O ensino da teologia, sem interferências regalistas, tem lugar de honra, neste conceito.

Em Portugal, o conceito dominante é o técnico. Muitos sintomas per-  
mitem esperar o ressurgimento do conceito corporativo.

A assistência, que seguiu com o maior interesse o discurso do Eng.  
Correia de Barros, coroou-o com prolongadas salvas de palma.

Assim, após a presidência o Prof. Sousa da Câmara, que passou a diri-  
gir a leitura de comunicações ou seras e temas, por absoluta falta de tempo.  
Damos, apenas, os títulos de algumas. Neves e Castro, «A investiga-  
ção científica na vida universitária»; Equipa de alunos do 2.º ano da  
Faculdade de Letras de Lisboa, «A formação intelectual e as exigências da  
especialização»; Ramiro Lima Monteiro, «Meios práticos de realizar a sin-  
tese cultural na universidade»; Celinda Rosa Esteves Lourenço, «Acção  
da mulher universitária na formação da personalidade intelectual feminina»;  
Maria Adelaide da Cruz Calado, «A preparação e o estado cultural do  
universitário»; Manuel Franco Queiroz, «Alguns aspectos da introdução  
de cadeiras de cultura na Universidade»; Maria da Graça Varela Cid e  
Manuel Temudo, «Problemas culturais e ideológicos do universitário»;  
Efigénia Vilaça Delgado, «Universidade, escola de profissionais»; José  
Keating, «Contribuição para o estudo das possibilidades de investigação  
na Universidade Portuguesa»; Maria da Conceição Tavares da Silva, «Cul-  
tura e profissão»; Aurora de Oliveira Fonseca, «O problema das licenci-  
aturas»; Heline Otelo Moraes Neves, «Tentativa de crítica do plano de estu-  
dos da licenciatura das ciências físico-químicas»; Maria Clotilde Teixeira  
da Rocha, «A cultura e a mulher: sua influência recíproca»;

Sobre os colégios maiores em Espanha, falou o Prof. D. Isidoro Marti-  
nez y Martinez, director do Colégio de S. Paulo, de Madrid. O Dr. Fran-  
cisco Pereira de Moura <sup>representou o aspecto</sup> falou o panorama actual da formação do estudante  
universitário, subordinando o seu trabalho à epigrafe: «A Universidade

actual

na, "A necessidade da especiali-  
zação do ensino e a formação da  
personalidade intelectual";

15  
Direc-  
tor da  
Estação  
Agróno-  
mica  
Nacio-  
nal,  
Maria  
da Con-  
ceição  
Madurei-

Coimbra  
G. DE ZURARA - O  
O FUTURO

Teve lugar no maravilhoso "Auditorium" do Instituto Superior de Agronomia, em plena Tapada da Ajuda, e constituiu um insuperável momento de beleza que a numerosa assistência esperava com ansiedade.

e a formação intelectual». Alvitrou a organização de cursos anuais, dirigidos por professores escolhidos entre os melhores da especialidade, para completar a formação cultural do universitário. José Manuel Antelo esboçou o «Panorama da investigação científica na Universidade portuguesa actual». A exclusão dos estudantes dessa investigação e a carência de um plano de conjunto privam de continuidade as tentativas feitas.

A noite, os estudantes de Coimbra ~~animaram os congressistas com~~ uma serenata de fados e guitarradas, no «Auditorium» do Instituto Superior de Agronomia, em plena Tapada da Ajuda, e que a mocidade académica apreciou sobremedida, sujeitando-se, no entanto, a ~~praxe~~ ~~compra~~ da abstenção de apertados e contentando-se com ~~pijarros~~ de circunstância.

A Missa, no dia 17, foi na Igreja de S. João de Deus. O entusiasmo das sessões carrega no acelerador da massa académica. As três naves brancas, concêntricas, num magnífico sentido figurativo de culto prestado a Deus Uno e Trino, em espírito e verdade, enchem-se de estudantes e professores universitários. Ao fundo, o fresco hagiológico de S. João de Deus, cheio de colorido e ascese, movimentava-se em chamas evocadoras de caridade apostólica. Num mundo sem consciência e sem poder, porque sem unidade, a forma mais actual e fremente de caridade é a dos caminhos de Deus restituídos à inteligência, pela dedicação heroica dos servidores da verdade. As orações da manhã sobem às alturas em espiral uníssona, potente, cheia de penetração interior e frescura primaveril. É a realização viva do conceito de oração, tão flagrantemente expresso por S. Tomás: elevação das almas etc. Deuza Colebrã o Senhor Bispo do Porto, ~~chamada a estes~~ ~~Proleto~~ entrelaça sugestivamente as palavras universo, universidade e catolicidade. O intelectual católico deve pôr a sua ciência ao serviço da integração mental e moral destes três termos. O sinal de Deus é a unidade. Cristo é o caminho único da Verdade para a Vida integral em Deus. Ao ofertório, faz-se a oblata solene das matérias sacramentais para o sacrifício, em mãos da direcção diocesana do Porto e representantes das várias Faculdades deste centro universitário.

Às 11 horas, nos múltiplos pavilhões do Instituto Superior Técnico, têm lugar as primeiras reuniões parciais sobre os cinco primeiros temas subsidiários, elencados no programa do Congresso. São estas, talvez, as reuniões de resultados práticos mais aparentes e tanto mais objectivados quanto foi notável a seriedade e elevação com que, em todas elas, sem excepção, relatores e assistentes, por mais de duas horas consecutivas, intervieram com o máximo interesse. O trabalho colossal dos inquéritos, realizados durante dois anos, e o mapa universitário, elaborado conscienciosamente, com os dados estatísticos apurados, dão aqui todo o seu rendimento, esclarecendo os vários problemas com luz meridiana.

A primeira reunião discutiu as «Organizações universitárias de estudantes», sendo relator Joaquim Vilaça Delgado, de Coimbra. A segunda ocupou-se da «Condição económico-social dos estudantes», sendo relator Jorge Biscaia, também de Coimbra. A terceira versou sobre «Problemas

sofereceram aos v. tanto

que a honraria

em várias salas

A SERENATA DOS ESTUDANTES DE COIMBRA

A MISSA NA IGREJA DE S. JOÃO DE DEUS

AS PRIMEIRAS REUNIÕES PARCIAIS

O trabalho colossal dos inquéritos

religiosos e morais dos estudantes», sendo relator João Resina Rodrigues, de Lisboa. Na quarta, o tema desenvolvido pela relatora Maria Manuela da Silva, de Lisboa, foi «O universitário e os problemas do estudo». A quinta ocupou-se dos «Problemas da vocação e preparação profissional do estudante», sendo relator António Coimbra, do Porto. As conclusões emergentes de todos os trabalhos e discussões travadas à volta dos temas propostos, são do mais alto significado doutrinário e prático.

Às 15 horas da tarde, o vasto pavilhão das Oficinas do Instituto Superior Técnico tornou a encher-se, por completo, para a segunda sessão plenária. Na presidência, o Dr. Pires Cardoso, professor do Instituto de Ciências Económicas e Financeiras, de Lisboa, ladeado pelos membros da Comissão Executiva. Feita a oração e lido o expediente, entre o qual constavam novas adesões de organizações universitárias estrangeiras, é apresentado, com rasgado elogio, o orador da sessão, Prof. Dr. Galvão Teles, nome prestigioso da cultura jurídica do país. Tema proposto, a «Vida institucional da Universidade».

«A Universidade, diz, constitui, caracteristicamente, uma verdadeira instituição. Há, nela, uma comunidade de pessoas, os professores e os alunos, irmanados na prossecução dos mesmos fins, o todo revestido de autoridade própria e assistido de órgãos seus». O carácter institucional da Universidade portuguesa é nitido, nos primeiros séculos. Mas, nesse período, ela era, também, uma corporação. O corporativismo medieval português não se restringia às actividades económicas; constituía uma fórmula geral de organização social. Nela se integrava a Universidade com completa autonomia perante o Estado e um poder absoluto de autodirecção: fazia os seus estatutos, escolhia os seus órgãos, designava os seus professores, traçava as directrizes superiores da sua vida, possuía bens próprios que administrava, exercia jurisdição sobre os seus membros.

A moderna Universidade portuguesa ainda possui autonomia, em muitos aspectos. Mas não é mais que um serviço público ou administrativo (embora com personalidade jurídica), dependente de um departamento do Estado. É preciso acentuar esta autonomia. Mas urge que as Universidades se mostrem à altura da independência que já possuem e adquiram jus a independência maior. A liberdade envolve responsabilidade. Só merece regalias, quem se mostrar capaz de fazer bom uso delas. Dos três tipos de Universidade — formativa, científica e técnica — o orador prefere o primeiro. A Universidade só se pode dar por satisfeita, se se dedicar devotadamente à integral formação dos seus alunos, no plurifacetado das respectivas personalidades», sob o ponto de vista intelectual, religioso e moral.

O Dr. Galvão Teles, escutado com o maior interesse e repetidamente interrompido por longos aplausos, apresenta curiosas sugestões, para que se possam reconstituir as tradições comunitárias da nossa Universidade, despedaçadas por longa era de individualismo. É preciso adaptar as Universidades ao seu respectivo ambiente. Nem concentração livresca, nem agitação dispersiva. Entre os dois tipos geográficos de Universidade (Lis-



e a formação intelectual». Alvitrou a organização de cursos anuais, dirigidos por professores escolhidos entre os melhores da especialidade, para completar a formação cultural do universitário. José Manuel Antelo esboçou o «Panorama da investigação científica na Universidade portuguesa actual». A exclusão dos estudantes dessa investigação e a carência de um plano de conjunto privam de continuidade as tentativas feitas.

À noite, os estudantes de Coimbra mimosearam os congressistas com uma serenata de fados e guitarradas, no « Auditorium » do Instituto Superior de Agronomia, em plena Tapada da Ajuda, e que a mocidade académica apreciou sobremaneira, sujeitando-se, no entanto, à *praxe* coimbrã da abstenção de aplausos e contentando-se com *pigarros* de circunstância...

A Missa, no dia 17, foi, na Igreja de S. João de Deus. O entusiasmo das sessões carrega no acelerador da massa académica. As três naves brancas, concêntricas, num magnífico sentido figurativo de culto prestado a Deus Uno e Trino, em espirito e verdade, enchem-se de estudantes e professores universitários. Ao fundo, o fresco hagiológico de S. João de Deus, cheio de colorido e ascese, movimenta-se em chamas evocadoras de caridade apostólica. «Num mundo sem consciência e sem poder, porque sem unidade», a forma mais actual e fremente de caridade é a dos caminhos de Deus restituídos à inteligência, pela dedicação heróica dos servidores da verdade. As orações da manhã sobem às alturas em espiral unissona, potente, cheia de compenetração interior e frescura primaveril. É a realização viva do conceito de oração, tão flagrantemente expresso por S. Tomás: elevação das almas até Deus, celebra o Senhor Elipio do Porto. À esquerda, o ilustre Prelado entrelaça sugestivamente as palavras universo, universidade e catolicidade. O intelectual católico deve pôr a sua ciência ao serviço da integração mental e moral destes três termos. O sinal de Deus é a unidade. Cristo é o caminho único da Verdade para a Vida integral em Deus. Ao ofertório, faz-se a oblata solene das matérias sacramentais para o sacrifício, em mãos da direcção diocesana do Porto e representantes das várias Faculdades deste centro universitário.

As 11 horas, nos múltiplos pavilhões do Instituto Superior Técnico, têm lugar as primeiras reuniões parciais sobre os cinco primeiros temas subsidiários, elencados no programa do Congresso. São estas, talvez, as reuniões de resultados práticos mais aparentes e tanto mais objectivados quanto foi notável a seriedade e elevação com que, em todas elas, sem excepção, relatores e assistentes, por mais de duas horas consecutivas, intervieram com o máximo interesse. O trabalho colossal dos inqueritos, realizados durante dois anos, e o mapa universitário, elaborado conscienciosamente, com os dados estatísticos apurados, dão aqui todo o seu rendimento, esclarecendo os vários problemas com luz meridiana.

A primeira reunião discutiu as «Organizações universitárias de estudantes», sendo relator Joaquim Vilaça Delgado, de Coimbra. A segunda ocupou-se da «Condição económico-social dos estudantes», sendo relator Jorge Biscaia, também de Coimbra. A terceira versou sobre «Problemas

da Faculdade de Direito de Lisboa

Centro de Documentação e Informação  
FUNDADO em 2001  
LISBOA

religiosos e morais dos estudantes», sendo relator João Resina Rodrigues, de Lisboa. Na quarta, o tema desenvolvido pela relatora Maria Manuela da Silva, de Lisboa, foi «O universitário e os problemas do estudo». A quinta ocupou-se dos «Problemas da vocação e preparação profissional do estudante», sendo relator António Coimbra, do Porto. As conclusões emergentes de todos os trabalhos e discussões travadas à volta dos temas propostos, são do mais alto significado doutrinário e prático.

As 15 horas da tarde, o vasto pavilhão das Oficinas do Instituto Superior Técnico tornou a encher-se, ~~num completo~~, para a segunda sessão plenária. Na presidência, o Dr. Pires Cardoso, professor do Instituto de Ciências Económicas e Financeiras, de Lisboa, ladeado pelos membros da Comissão Executiva. Feita a oração e lido o expediente, entre qual constavam novas adesões de organizações universitárias estrangeiras, é apresentado, com respeito e elogio, o orador da sessão, Prof. Dr. Galvão Teles, nome prestigioso da cultura jurídica do país. Tema proposto, a «Vida institucional da Universidade».

•A Universidade, diz, constitui caracteristicamente uma verdadeira instituição. Há, nela, uma comunidade de pessoas, os professores e os alunos, irmanados na prossecução dos mesmos fins, o todo revestido de autoridade própria e assistido de órgãos seus. O carácter institucional da Universidade portuguesa é nítido, nos primeiros séculos. Mas, nesse período, ela era, também, uma corporação. O corporativismo medieval português não se restringia às actividades económicas; constituía uma fórmula geral de organização social. Nela, se integrava a Universidade, com completa autonomia perante o Estado e um poder absoluto de autodirecção: fazia os seus estatutos, escolhia os seus órgãos, designava os seus professores, traçava as directrizes superiores da sua vida, possuía bens próprios que administrava, exercia jurisdição sobre os seus membros.

A moderna Universidade portuguesa ainda possui autonomia, em muitos aspectos. Mas não é mais que um serviço público ou administrativo (embora com personalidade jurídica), dependente de um departamento do Estado. É preciso acentuar esta autonomia. Mas prop que as Universidades se mostrem à altura da independência que já possuem e adquiram jus a independência maior. A liberdade envolve responsabilidade. Só merece regalias, quem se mostrar capaz de fazer bom uso delas. Dos três tipos de Universidade — formativa, científica e técnica — o orador prefere o primeiro. A Universidade só se pode dar por satisfeita, se se dedicar devotadamente à integral formação dos seus alunos, no plurifacetado das respectivas personalidades, sob o ponto de vista intelectual, religioso e moral.

•Dr. Galvão Teles, escutado com o maior interesse e repetidamente interrompido por longos aplausos, apresenta curiosas sugestões, para que se possam reconstituir as tradições comunitárias da nossa Universidade, despedaçadas por longa era de individualismo. É preciso adaptar as Universidades ao seu respectivo ambiente. Nem concentração livre-sea, nem agitação dispersiva. Entre os dois tipos geográficos de Universidade (Lis-

A 3ª REUNÃO  
NÃO  
PLENÁRIA

terceira reunião  
do

a sua

importante

ambos restrita

o orador apresenta a seguir algumas

boa-Coimbra), tem de haver algumas diferenças de organização, semelhantes às existentes entre o Estado federativo e o Estado unitário. As Universidades dos grandes centros devem ser como que federações de Faculdades ou Escolas. Mas, ressalvada esta diferenciação, há que fazer as possíveis tentativas para tornar mais íntima e fecunda a vida institucional universitária. Não se pode esperar tudo da lei. O papel principal caberá, sempre, à boa vontade dos responsáveis.

Para tanto, além da reorganização corporativa, urge alargar o quadro das disciplinas culturais, comuns às várias Faculdades, e intelectual e moralmente formativas, fazendo da Universidade, não simples justaposição de Faculdades estranhas, mas síntese de todos os objectos do saber, embora com algum sacrifício da extensão e profundidade das disciplinas técnicas; criar cidades universitárias com sede para todas ou para a maior parte das Faculdades ou Escolas, onde os mestres e alunos se encontrem, para um mais íntimo convívio; alargamento dos quadros ou maior recrutamento do pessoal docente auxiliar (~~professores extraordinários e assistentes~~) para acompanharem, de perto, os alunos nos seus problemas e permitirem aos catedráticos mais aturada investigação científica. Os alunos não devem ser praticamente esquecidos, como tantas vezes são. O próprio legislador os esquece, não raro, como também os mestres por eles não mostram o interesse humano que merecem. Daí, a antitesse criada entre a Universidade e o aluno. Daí, a desilusão e divórcio de tantos, ao chegarem à Universidade. Há, aqui, um verdadeiro drama que não se evita nem dilui, pelo facto de se fingir ignorá-lo. Se a Universidade esmorece o aluno na sua organização, nos métodos de ensino ou sua excessiva extensão, toma como alicerce uma ficção. É preciso atribuir ao estudante um papel mais activo na realização dos fins universitários, tanto na vida escolar como no funcionamento orgânico da Universidade.

O trabalho de Dr. Galvão Teles produziu em toda a assembleia a mais viva impressão e entusiasmo.

Passou-se à leitura e discussão de comunicações. Alexandre Fradique Gomes Morujão, ~~de Coimbra~~, tratou do «Regime de seminário»; Maria Helena Teves Costa, ~~de Lisboa~~, do «Curriculum universitário e a cultura superior da mulher cristã», advogando a criação duma Universidade Feminina; Afonso Botelho, ~~de Lisboa~~, discutiu a «Ideia de corporação e a reforma universitária» e a «Universidade, comunidade de estudantes»; Luis Filipe Demony, ~~de Lisboa~~, abordou o tema da «Aproximação de professores e alunos em actividades comuns»; Maria Luísa Ferramenta Ferreira Guerra, ~~de Lisboa~~, «Trabalho em regime de seminário»; Rita Fuzeta da Ponte, ~~de Lisboa~~, «Seminários e investigação»; Manuel Júdice Halpern, «Pedagogia universitária»; Maria da Encarnação Monteiro, ~~de Lisboa~~, «Problemas de Estudo na Faculdade de Letras de Lisboa»; Maria Isabel Furtado é Maria Helena da Graça Mira, ~~de Lisboa~~, «Intercâmbio cultural entre as várias Escolas Superiores»; Mário Bento Martins Soares, ~~de Coimbra~~, «Sobre a importância dos organismos de extensão cultural»; João Cabral, ~~de Braga~~,

salientar  
do a. propó.  
siste  
resolva que  
não se  
pode es.  
perar tu.  
do da lei,  
cabeendo  
sempre  
o princi-  
pal papel  
à boa  
vontade  
dos res-  
ponsáveis  
entretanto,  
do domi-  
nio das  
reformas,

com-  
Inici  
o orador,  
Dr.

«Servir a Universidade». Joaquim António de Aguiar, de Lisboa, «Colégios Universitários». António de Almeida, de Coimbra, «O problema da habitação dos estudantes». Virgílio de Lemos, de Lisboa, «Problemas económico-sociais dos estudantes». Mário da Silva Moura, de Coimbra, «A luta contra a tuberculose nos meios universitários».

O Prof. Pires Cardoso, comentou, esclarecidamente, todos os trabalhos, sublinhando, particularmente, as ideias mestras da tese do Dr. Galvão Teles, às quais deu todo o seu apoio, e particularmente a uma mais viva e estreita colaboração entre mestres e alunos.

Após um dia de intenso e fecundíssimo trabalho, a assembleia foi convidada a assistir à passagem dum filme francês, feito sobre o romance de Bernanos «Journal d'un curé de campagne», exibido, pela primeira vez, em Portugal, no Cinema *Império*, gentilmente cedido pelos seus proprietários para tal efeito.

No sábado, 18 de Abril, o acto litúrgico da manhã desenrolou-se sob os ousados arcos em catenária da Igreja de Nossa Senhora de Fátima. A piedade ardente e esclarecida da Juventude Universitária, não podia faltar esta nota mariana. A «Sede da Divina Sabedoria» é, por excelência, o modelo e amparo dos que, por profissão, se consagram aos mistérios do saber. Nos caminhos difíceis da verdade, a melhor guia é aquela que a Santa Igreja invoca como «Estrela da Manhã»: *Stella Matutina*. É a luz de uma nova manhã radiosa de esperanças, que entra em catadupa pelos largos vitrais coloridos. Nos bancos da vasta nave central, repleta, professores e universitários, licenciados dos últimos anos e estudantes de todos os cursos. Depois das orações da manhã, em coro magnífico, como nos dias antecedentes, celebra o Senhor Arcebispo-bispo de Coimbra. Ao Evangelho, o ilustre Prelado exorta os presentes à cruzada contra o erro que, satânicamente organizado, se empenha na luta contra Deus, fonte de toda a Verdade, de todo o Bem e de todo o Direito. Como há 20 séculos, a Igreja tem de conquistar para Cristo o mundo. Tal e qual então, este encontra-se, hoje, mergulhado no paganismo. O ponto crucial dessa luta da Verdade contra o erro é a Universidade, onde ele pode infiltrar-se sob as mais astutas formas. É aí que a Verdade integral mais precisa de apóstolos. Sem o espírito de Cristo na Universidade, não será possível o resgate do mundo.

Finda a homilia, as direcções do C. A. D. C. e da JUCF de Coimbra fazem a oferta do pão e do vinho para o sacrificio, enquanto toda a assistência acompanha as oblatas com a oração do Congresso.

Às 11 horas, nos mesmos locais do Instituto Superior Técnico, prosseguem as reuniões parciais. O Dr. Daniel Serrão, assistente da Faculdade de Medicina do Porto, trata o tema do «Apostolado Universitário», definindo o «meio», a natureza específica do apostolado nesse meio, as tarefas imediatas que se impõem e as qualidades especiais que elas requerem no apóstolo. Maria Isabel Nogueira, de Coimbra, debate o problema da «Universidade Católica», apontando os factos que o suscitam em Portugal, a natureza e missão que a uma Universidade Católica competiria entre nós, a posição

boa-Coimbra), tem de haver algumas diferenças de organização, semelhantes às existentes entre o Estado federativo e o Estado unitário. As Universidades dos grandes centros devem ser como que federações de Faculdades ou Escolas. Mas, ressalvada esta diferenciação, há que fazer as possíveis tentativas para tornar mais íntima e fecunda a vida institucional universitária. Não se pode esperar tudo da lei. O papel principal caberá, sempre, à boa vontade dos responsáveis.

Para tanto, além da reorganização corporativa, urge alargar o quadro das disciplinas culturais, comuns às várias Faculdades, e intelectual e moralmente formativas, fazendo da Universidade, não simples juxtaposição de Faculdades estranhas, mas síntese de todos os objectos do saber, embora com algum sacrifício da extensão e profundidade das disciplinas técnicas; criar cidades universitárias com sede para todas ou para a maior parte das Faculdades ou Escolas, onde os mestres e alunos se encontrem, para um mais íntimo convívio; alargamento dos quadros ou maior recrutamento do pessoal docente auxiliar (professores extraordinários e assistentes) para acompanharem, de perto, os alunos nos seus problemas e permitirem aos catedráticos mais aturada investigação científica. Os alunos não devem ser praticamente esquecidos, como tantas vezes são. O próprio legislador os esquece, não raro, como também os mestres por eles não mostram o interesse humano que merecem. Daí, a antítese criada entre a Universidade e o aluno. Daí, a desilusão e divórcio de tantos, ao chegarem à Universidade. Há, aqui, um verdadeiro drama que não se evita nem dilui, pelo facto de se fingir ignorá-lo. Se a Universidade esquece o aluno, na sua organização, nos métodos de ensino ou sua excessiva extensão, toma como alicerce uma ficção. É preciso atribuir ao estudante um papel mais activo na realização dos fins universitários, tanto na vida escolar como no funcionamento orgânico da Universidade.

O trabalho do Dr. Galvão Teles produziu em toda a assembleia a mais viva impressão e entusiasmo.

Passou-se à leitura e discussão de comunicações. Alexandre Fradique Gomes Morujão, de Coimbra, tratou do «Regime de seminário». Maria Helena Teves Costa, de Lisboa, do «Curriculum universitário e a cultura superior da mulher cristã», advogando a criação duma Universidade Feminina. Afonso Botelho, de Lisboa, dissentiu a «Ideia de corporação e a reforma universitária» e a «Universidade, comunidade de estudantes»; Luis Filipe Demy, de Lisboa, abordou o tema da «Aproximação de professores e alunos em actividades comuns». Maria Luísa Ferramenta Ferreira Guerra, de Lisboa, «Trabalho em regime de seminário». Rita Fuzeta da Ponte, de Lisboa, «Seminários e investigação». Manuel Júdice Halpern, «Pedagogia universitária». Maria da Encarnação Monteiro, de Lisboa, «Problemas de Estudo na Faculdade de Letras de Lisboa». Maria Isabel Furtado e Maria Helena da Graça Mira, de Lisboa, «Intercâmbio cultural entre as várias Escolas Superiores». Mário Bento Martins Soares, de Coimbra, «Sobre a importância dos organismos de extensão cultural». João Cabral, de Braga,

Rui Manuel Nogueira na Sessão, "Assistência médica aos universitários"; Carlos Manuel

Dr. «Servir a Universidade», Joaquim António de Aguiar, de Lemos, «Colégios Universitários»; António de Almeida, de Lemos, «O problema da habitação dos estudantes»; Virgílio de Lemos, de Lemos, «Problemas económico-sociais dos estudantes»; Mário da Silva Moura, de Lemos, «A luta contra a tuberculose nos meios universitários»;

fieira de Almeida, de Carvalho, «Organizações universitárias de estudantes: organização de tipos reais, João Cosme Santos, guarnição, «O universitário e o problema de estudo?»

Audiência

Q Prof. Pires Cardoso, comentou, esclarecidamente, todos os trabalhos, sublinhando, particularmente, as ideias mestras da tese de Dr. Galvão Teles, às quais deu todo o seu apoio, e particularmente a uma mais viva e estreita colaboração entre mestres e alunos.

ASSÉSSÃO DE CINE-MA

Após um dia de intenso e fecundíssimo trabalho, a assembleia foi convidada a assistir à passagem ~~de um filme~~ francês, feito sobre o romance de Bermanos «Journal d'un curé de campagne», exibido, pela primeira vez, em Portugal, no Cinema Império, gentilmente cedido pelos seus proprietários para tal efeito.

As 18,30, após

No sábado, 18 de Abril, o acto litúrgico da manhã desenrolou-se nos ~~os~~ ~~casais~~ ~~na~~ ~~café~~ ~~da~~ Igreja de Nossa Senhora de Fátima. A piedade ardente e esclarecida da Juventude Universitaria, não podia faltar esta nota mariana. A «Sede da Divina Sabedoria» é, por excelência, o modelo e amparo dos que, por profissão, se consagram aos mistérios do saber. Nos caminhos difíceis da verdade, a melhor guia é aquela que a Santa Igreja invoca como «Estrela da Manhã», Stella Matutina. É a luz de uma nova manhã radiosa de esperanças, que entra em cada pupila pelos largos vitrais colossais. Nos lavores da V.M. há, naturalmente, professores e universitários, licenciados dos últimos anos e estudantes de todos os cursos. Depois das orações da manhã, em coro magnífico, como nos dias antecedentes, celebra o Senhor Arcebispo-bispo de Coimbra. Ao Evangelho, o ilustre Prelado exorta os presentes à cruzada contra o erro que, satânicamente organizado, se empenha na luta contra Deus, fonte de toda a Verdade, de todo o Bem e de todo o Direito. Como há 20 séculos, a Igreja tem de conquistar para Cristo o mundo. Tal e qual então, este encontra-se, hoje, mergulhado no paganismo. O ponto crucial dessa luta da Verdade contra o erro é a Universidade, onde ele pode infiltrar-se sob as mais astutas formas. É aí que a Verdade integral mais precisa de apóstolos. Sem o espírito de Cristo na Universidade, não será possível o resgate do mundo.

da obra prima do cinema

A MISSA NA IGREJA DE N. S. DE FATIMA

Finda a homilia, as direcções do C. A. D. C. e da JUCF de Coimbra fazem a oferta do pão e do vinho para o sacrificio, enquanto toda a assistência acompanha as oblatas com a oração do Congresso.

AS ÚLTIMAS REUNIÕES PARCIAIS

Às 11 horas, nos mesmos locais do Instituto Superior Técnico, prosseguem as reuniões parciais. O Dr. Daniel Serrão, assistente da Faculdade de Medicina do Porto, trata o tema do «Apostolado Universitário», definindo o «meio», a natureza específica do apostolado nesse meio, as tarefas imediatas que se impõem e as qualidades especiais que elas requerem no apóstolo. Maria Isabel Nogueira, de Coimbra, debate o problema da «Universidade Católica», apontando os factos que o suscitam em Portugal, a natureza e missão que a uma Universidade Católica competiria entre nós, a posição

da Igreja perante as Universidades no mundo de hoje, e as soluções possíveis para a questão das relações entre a Igreja e a Universidade, em Portugal.

O Eng. Rogério Martins, assistente do Instituto Superior Técnico, expôs os «Tipos actuais de Universidade». Adoptando o método fenomenológico, distribuiu as Universidades actuais segundo a sua posição perante certos problemas básicos: quanto aos objectivos da sua missão, quanto às suas relações com o Estado e as instituições nacionais, quanto às suas relações com a Igreja, e quanto à organização interna. Ponderando as dificuldades de classificação pela interpenetração dos tipos, exemplificou e acentuou a caracterização das duas formas ocidentais mais expressivas: a liberal e a ética.

Do ~~problema da mulher~~ <sup>Tema "A mulher"</sup> na Universidade, foi relatora a Presidente Geral da JUCF, Maria de Lourdes Pintassilgo, de Lisboa. Formulados os princípios gerais, em que assentam a dignidade e missão femininas e, verificado o facto da presença da mulher nas escolas superiores, descreminou, nas relações da mentalidade feminina com a alta cultura, o que a cultura pode dar à mulher e o que a mulher pode dar à cultura, o papel que a mulher pode desempenhar nas profissões liberais e o papel da Universidade perante as profissões femininas, analisando a situação actual da mulher nos cursos superiores e as conclusões a tirar.

Do tema «Preocupações culturais e ideológicas dos estudantes», foi relator o Dr. Adérito Sedas Nunes, Presidente Geral da JUC. Focada a atitude do universitário, em geral, perante os problemas da cultura e as influências que actuam na sua formação mental, estabeleceu a relação entre o tipo cultural do estudante português da actual geração e as condições presentes do ensino superior e da vida universitária, bem como a reacção espiritual dos estudantes perante a Universidade. Duas conclusões emergem dos factos e da crítica racional dos mesmos: necessidade de uma acção que exceda os limites da Universidade, em particular sobre o ensino secundário, e condições básicas, para qualquer solução no plano universitário.

A discussão travada, nas várias secções, à volta de todos estes temas, foi vivíssima, mas contida, sempre, dentro da maior altura e objectividade, sendo os vários aspectos focados em face dos dados fornecidos pelo mapa universitário, e até, para alguns casos, como no tema do «Apostolado Universitário», mediante inquéritos especiais, realizados por algumas secções de Lisboa, entre as quais se deve assinalar a contribuição apresentada por Neves e Castro.

A quarta reunião plenária, pelo interesse candente do tema — «Responsabilidade social da Universidade» — encheu, também, de mestres e alunos o vastíssimo pavilhão das Oficinas do Técnico. Na presidência, o Eng. Alberto Manzanares Abecassis, professor do Instituto. Nas primeiras filas, vários prelados, o Secretário Geral de «Pax Romana», Bernard Ducret, e numerosas personalidades em evidência no mundo universitário.

Lido o expediente, onde havia a salientar a adesão da Federação Uni-

À tarde, a

A 4ª REUNIÃO PLENÁRIA

versitária Católica Italiana, o Prof. António Sousa da Câmara, director da Estação Agronómica Nacional, entrou a expor a sua tese: « Responsabilidades sociais da Universidade ». « Quando se aprecia a importância transcendente da Universidade, diz, reconhece-se a sua influência decisiva na defesa e conservação da cultura, bem como na educação da juventude; a acção profunda nos domínios da investigação científica; a sua projecção prodigiosa na colectividade; o papel decisivo que desempenha na formação da maior parte dos dirigentes, que hão de constituir o escol da Nação. Mundialmente, porém, se reconhece que ela carece de reforma. Crê-se que, sobre a Universidade, recaem enormes responsabilidades sociais, para contribuir poderosamente na elevação da Humanidade. Só o conseguirá, se estiver devidamente organizada e se for servida por individuos de alta qualidade, de grande valor moral e intelectual. Os professores universitários têm de viver para os seus alunos e para a investigação científica. A investigação tem um alto valor formativo. A ética deve acompanhar a investigação, tanto de mestres como de alunos, para que esta seja elemento educativo. Cada grande descobrimento não afasta de Deus, aproxima dele. A ciência não se desenvolve para si mesma, mas para elevar o homem, tornando-o mais nobre, com vida mais fácil e virtudes mais cristãs.

Para promover a investigação, em Portugal, é necessário criar, entre nós, uma instituição semelhante ao « Consejo Superior de Investigaciones Científicas », que a Espanha criou para si. A formação de uma aristocracia do espirito só será possível, se houver exemplos vivos e meios eficazes para a desuolvidar. Sem exemplos vivos de incansável e inoperação moral e intelectual, a Universidade tornar-se-á, cada vez, mais materialista, mais apegada aos interesses terrenos, mais fascinada pelos vícios e paixões do ambiente, pendendo para o mediocre, para o abaixamento contínuo do nível geral. Cabe à Universidade, desempenhar um papel, cada vez, mais activo, na vida internacional. No mundo ocidental, as instituições de ensino superior devem promover a cooperação universitária no plano internacional, em ordem a intensificar o progresso incessante da ciência e suas aplicações, para a defesa da cultura, melhor entendimento entre os povos e garantia da paz ».

A exposição do ilustre homem de ciência causou, em toda a assistência, a mais forte impressão, pelo desassombro das afirmações, reconhecimento das graves responsabilidades sociais que impendem sobre as instituições universitárias, e estreitamento dos laços que devem unir, no espirito do intelectual católico, o fervor da fé professada e a seriedade da dedicação à investigação científica.

Seguiu-se a leitura e discussão de comunicações. Maria Ivone Miranda, de Lisboa, discutiu o tema « Responsabilidades da Universidade na orientação ideológica da vida social ». Maria de Lourdes Lapa Pereira falou sobre a « Preparação dos professores do ensino secundário », advogando a criação dum Instituto Superior de Ciências Pedagógicas. Manuel de São Payo propôs soluções para o « Problema da democratização do ensino uni-



da Igreja perante as Universidades no mundo de hoje, e as soluções possíveis para a questão das relações entre a Igreja e a Universidade, em Portugal.

O Eng. Rogério Martins, assistente do Instituto Superior Técnico, expôs os «Tipos actuais de Universidade». Adoptando o método fenomenológico, distribuiu as Universidades actuais segundo a sua posição perante certos problemas básicos: quanto aos objectivos da sua missão, quanto às suas relações com o Estado e as instituições nacionais, quanto às suas relações com a Igreja, e quanto à organização interna. Ponderando as dificuldades de classificação pela interpenetração dos tipos, exemplificou e acentuou a caracterização das duas formas ocidentais mais expressivas: a liberal e a ética.

Do problema da «Mulher na Universidade», foi relatora a Presidente Geral da JUCF, Maria de Lourdes Pintassilgo, de Lisboa. Formulados os princípios gerais, em que assentam a dignidade e missão femininas e, verificado o facto da presença da mulher nas escolas superiores, discriminou, nas relações da mentalidade feminina com a alta cultura, o que a cultura pode dar à mulher e o que a mulher pode dar à cultura, o papel que a mulher pode desempenhar nas profissões liberais e o papel da Universidade perante as profissões femininas, analisando a situação actual da mulher nos cursos superiores e as conclusões a tirar.

Do tema «Preocupações culturais e ideológicas dos estudantes», foi relator o Dr. Adérito Nunes, Presidente Geral da JUC. Focada a atitude do universitário, em geral, perante os problemas da cultura e as influências que actuam na sua formação mental, estabeleceu a relação entre o tipo cultural do estudante português da actual geração e as condições presentes do ensino superior e da vida universitária, bem como a reacção espiritual dos estudantes perante a Universidade. Duas conclusões emergem dos factos e da crítica racional dos mesmos: necessidade de uma acção que exceda os limites da Universidade, em particular sobre o ensino secundário, e condições básicas, para qualquer solução no plano universitário.

A discussão travada, nas várias secções, à volta de todos estes temas, foi vivíssima, mas contida, sempre, dentro da maior altura e objectividade, sendo os vários aspectos focados em face dos dados fornecidos pelo mapa universitário, e até, para alguns casos, como no tema do «Apostolado Universitário», mediante inquéritos especiais, realizados por algumas secções de Lisboa, entre as quais se deve assinalar a contribuição apresentada por Neves e Castro.

A quarta reunião plenária, pelo interesse candente do tema — «Responsabilidades sociais da Universidade» — encheu, também, de mestres e alunos o vastíssimo pavilhão das Oficinas do Técnico. Na presidência, o Eng. Alberto Manzaneres Abecassis, professor do Instituto. Nas primeiras filas, vários prelados, o Secretário Geral de «Pax Romana», Bernard Ducret, e numerosas personalidades em evidência no mundo universitário.

Lido o expediente, onde havia a salientar a adesão da Federação Uni-



BROTERIA

versitária Católica Italiana, o Prof. António Sousa da Câmara, director da Estação Agronómica Nacional, entrou a expor a sua tese: « Responsabilidades sociais da Universidade ». Quando se aprecia a importância transcendente da Universidade, diz, reconhece-se a sua influência decisiva na defesa e conservação da cultura, bem como na educação da juventude; a acção profunda nos domínios da investigação científica; a sua projecção prodigiosa na colectividade; o papel decisivo que desempenha na formação da maior parte dos dirigentes, que hão de constituir o escol da Nação. Mundialmente, porém, se reconhece que ela carece de reforma. Crê-se que, sobre a Universidade, recaem enormes responsabilidades sociais, para contribuir poderosamente na elevação da Humanidade. Só o conseguirá, se estiver devidamente organizada e se for servida por individuos de alta qualidade, de grande valor moral e intelectual. Os professores universitários têm de viver para os seus alunos e para a investigação científica. A investigação tem um alto valor formativo. A ética deve acompanhar a investigação, tanto de mestres como de alunos, para que esta seja elemento educativo. Cada grande descobrimento não afasta de Deus, aproxima dele. A ciência não se desenvolve para si mesma, mas para elevar o homem, tornando-o mais nobre, com vida mais fácil e virtudes mais cristãs.

Para promover a investigação, em Portugal, é necessário criar, entre nós, uma instituição semelhante ao « Consejo Superior de Investigaciones Científicas », que a Espanha criou para si. A formação de uma aristocracia do espirito só será possível, se houver esse apoio vivo e meios eficazes para desenvolver, em jovens vivos, a necessária superação moral e intelectual, a Universidade tornar-se á, cada vez, mais materialista, mais apegada aos interesses terrenos, mais fascinada pelos vícios e paixões do ambiente, pendendo para o mediocre, para o abaixamento contínuo do nível geral. Cabe á Universidade, desempenhar um papel, cada vez, mais activo, na vida internacional. No mundo ocidental, as instituições de ensino superior devem promover a cooperação universitária no plano internacional, em ordem a intensificar o progresso incessante da ciência e suas aplicações, para a defesa da cultura, melhor entendimento entre os povos e garantia da paz.

A exposição do ilustre homem de ciência causou, em toda a assistência, a mais forte impressão, pelo desassombro das afirmações, reconhecimento das graves responsabilidades sociais que impendem sobre as instituições universitárias, e estreitamento dos laços que devem unir, no espirito do intelectual católico, o fervor da fé professada e a seriedade da dedicação á investigação científica.

Seguiu-se a leitura e discussão de comunicações. Maria Ivone Miranda de Lisboa, discutiu o tema « Responsabilidades da Universidade na orientação ideológica da vida social »; Maria de Lourdes Lapa Pereira falou sobre a « Preparação dos professores do ensino secundário »; admoorando a criação dum Instituto Superior de Ciências Pedagógicas; Manuel de São Payo propôs soluções para o « Problema da democratização do ensino uni-

*Apresentado da a lista pido do do dicionário...*

*Seguiu-se a...*

§ Seguiu-se

*Seguiu-se*



Mário Bigotte Chorrão, "A selecção do estudante universitário: o ingresso na Universidade";

versitário; Maria Helena Mariano, interessada pela Universidade e os grandes problemas nacionais: estudar e orientar; António Freitas Leal e José Pedro Martins Barata, pela «Natureza e espiritualidade da profissão de arquiteto»; Augusto da Silva, «Responsabilidade da Universidade na orientação ideológica da vida social»; Carlos Maria Moniz Tavares de Matos Taquenha, pela Universidade perante o problema social e a crise do pensamento; Nuno Krus Abecassis, pela Universidade e a formação dos chefes; António João Bispo, pela Universidade e as ciências pedagógicas; Adelino Júlio Figueiras Barreto, «Influência do meio na vocação universitária»; Maria Margarida Macedo Silva, «O ensino secundário: problemas de vocação e preparação profissionais».

O Eng. Alberto Manzanares Abecassis encerrou a sessão, enaltecendo o trabalho do Prof. Sousa da Câmara. Na fase actual, o problema social ultrapassa o problema político. O problema social só pode ser resolvido através de uma linha moral cristã.

À noite, no salão de festas do Instituto Superior Técnico, realizou-se um excelente sarau de arte, pela distinta pianista Nina Marques Pereira e pelo Grupo coral «Polyphonia», superiormente dirigido pelo cantor-mor, Mário Sampayo Ribeiro. Os programas, executados primorosamente, agra-laram em absoluto e mereceram fartos aplausos dos numerosos congressistas, que atestavam o vasto recinto.

Domingo, 19 de Abril, veio encerrar, com esplendor magnífico, o Congresso. De manhã, na Sé, catédral, foi o soleníssimo pontifical, presidido pelo Senhor Bispo de Leiria, na igreja mais antiga e velha templo românico, pela nave central, transepto e naves laterais. A comunidade cristã segue, no maior recolhimento, a pompa litúrgica, que a Schola Cantorum do Seminário dos Olivais realça com a mestria de sempre. A comunhão geral é empolgante de fervor eucarístico, nas muitas centenas de jovens e professores universitários, que se abeiram da sagrada mesa. A homília, o eminente Purpurado, em palavras de fogo, exorta aquela fecunda messe de valores intelectuais católicos a realizar o lema felicíssimo destas jornadas de pensamento em acção: «Estar presente, servir a Igreja».

Após o pequeno almoço volante, nos claustros da Sé, toda a massa de congressistas, num belo exemplo de fraternidade cristã entre mestres e discípulos, entre rapazes e raparigas, parte, em excursão de merecido repouso, para três direcções distintas. O grupo mais numeroso embarca para o estuário do Tejo. Outro, em 10 camionetes, vai para a costa do Sol e serra de Sintra, onde passa a primeira parte da tarde, através do parque, desde os Capuchos a Colares e vila. Outro, ainda, fica-se por Cascais e pela mata de Santo António do Estoril.

As quatro, concentram-se todos, de novo, no pavilhão das Oficinas do Instituto Superior Técnico. É a última reunião plenária. Estão presentes mais de duas mil pessoas. Preside o Prof. Dr. Costa Pimpão, de Coimbra. Lê-se o expediente. O Chefe de Estado agradece as saudações enviadas pelos congressistas. Há, ainda, adesões de Prelados e votos da Juventude

Amélia Sampayo, «Responsabilidade da Universidade na orientação ideológica da vida social»;

OSARAU DE ARTE

O PONTIFICAL NA SÉ

A ÚLTIMA REUNIÃO PLENÁRIA

Luís Carlos Silva Monteiro Caldeira, "O profissionalismo do universitário como solução do problema económico";

AS EXCURSÕES

da Faculdade de Letras de

Católica do Brasil, bem como de outros organismos da Acção Católica Portuguesa.

O Prof. Dr. Augusto Vaz Serra procede à leitura da sua tese: «A Universidade e a Igreja». As relações entre a Universidade e a Igreja deduzem-se, facilmente, do conceito histórico de ambas. A Universidade tem uma função informativa e formativa. O espírito universitário caracteriza-se, cada vez mais, por estas notas: vocação, entusiasmo, rebeldia, generosidade, intransigência, consciência histórica e catolicismo. Na Igreja, comunidade dos cristãos, formadora das consciências, dominam quatro virtudes essenciais: verdade, moralidade, amor e heroísmo. A doutrina da Igreja é coerente com o progresso da ciência e suas aplicações. O ilustre mestre de Coimbra historia e justifica a erecção das Universidades católicas e aponta, como um direito e uma necessidade, a criação da Universidade Católica Portuguesa. O exercício dos direitos da Igreja é providência e não inge-rência. A instauração de cursos de Deontologia, em todas as Faculdades, terá a mais salutar influência na renovação moral da consciência universitária.

Por absoluta falta de tempo, não pôde proceder-se à leitura das comunicações destinadas a esta jornada. São dignas de menção, todavia, pelo seu excepcional valor, a de Luis Archer, S. J., de Braga: «O papel da filosofia entre a especialização científica e a síntese universitária»; a de Ana da Encarnação Subtil Roque, de Coimbra, «Fins da Universidade»; a do P. Álvaro Gomes dos Santos, de Coimbra, «Cultura religiosa superior»; a do P. Eurico Dias Negreira, de Coimbra, «Fundamento do Direito eclesiástico na Faculdade de Direito»; a de Augusto Gonçalves Lopes da Fonseca, de Coimbra, «A função da Teologia na síntese cultural». Encerra a sessão o Presidente, que saudou o Congresso pelo alto brilho que revestiram todos os seus actos e pelo *impeto de renovação*, que dele dimanou.

Após breve interrupção, entra na sala, Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, seguido de vários Prelados e personalidades em destaque na vida universitária, directores de Faculdades, professores catedráticos. As capas dos estudantes tapetam a passagem. Vai encerrar-se o Congresso. O Presidente da Comissão Executiva resume os trabalhos e agradece às representações estrangeiras. O Secretário Geral de *Pax Romana* regozija-se pelo convite, que lhe fora feito, e manifesta a sua agradável surpresa pelos progressos dos universitários católicos em Portugal, nestes últimos anos. Maria de Lourdes Pintassilgo, Presidente Geral da JUCF e da Comissão Executiva, sublinha a importância do Congresso para a renovação da Universidade, que unânimemente se preconizara. Agradece a todos os que colaboraram nestas gloriosas e fecundas jornadas, e o desejo sério de perfeição que elas traduziam, em luta contra a mediocridade de alguns, o cepticismo de muitos e a indiferença de quase todos. «O Congresso, diz, foi um êxito. Não marca, porém, o fecho de uma série de trabalhos. É o despertar para a grande tarefa que começa. O que levam, dele, os congressistas, conscientes da gravidade dos problemas e da urgência da sua resolução, é

versitário». Maria Helena Mariano interessou-se pela «Universidade e os grandes problemas nacionais: estudar e orientar». António Freitas Leal e José Pedro Martins Barata pela «Natureza e espiritualidade da profissão de architecto». Augusto da Silva, S. J., pela «Responsabilidade da Universidade na orientação ideológica da vida social». Carlos Maria Moniz Tavares de Matos Taquenho, pela «Universidade perante o problema social e a crise do pensamento». Nuno Krus Abecassis, pela «Universidade e a formação dos chefes». António João Bispo, pela «Universidade e as ciências pedagógicas». Adelino Júlio Felgueiras Barreto tratou da «Influência do meio na vocação universitária». Maria Margarida Macedo Silva versou «O ensino secundário: problemas de vocação e preparação profissionais».

O Eng. Alberto Manzanares Abecassis encerrou a sessão, enaltecendo o trabalho do Prof. Sousa da Câmara. Na fase actual, o problema social ultrapassa o problema político. O problema social só pode ser resolvido, através de uma linha moral cristã.

À noite, no salão de festas do Instituto Superior Técnico, realizou-se um excelente sarau de arte, pela distinta pianista Nina Marques Pereira e pelo Grupo coral «Polyphonia», superiormente dirigido pelo cantor-mor, Mario Sampayo Ribeiro. Os programas, executados primorosamente, agradaram em absoluto e mereceram fartos aplausos dos numerosos congressistas, que atestavam o vasto recinto.

Domingo, 19 de Abril, veio encerrar, com esplendor magnificante, o Congresso. De manhã, na Sé Catedral, foi o solenissimo pontifical presidido pelo Senhor Cardeal Falcão. Mais de duas mil pessoas enchiam o velho templo românico, pela nave central, transepto e naves laterais. A comunidade cristã segue, no maior recolhimento, a pompa litúrgica, que a *Schola Cantorum* do Seminário dos Olivais realça com a mestria de sempre. A comunhão geral é empolgante de fervor eucarístico, nas muitas centenas de jovens e professores universitários, que se ajeitam da sagrada mesa. À homilia, o eminente Purpurado, em palavras de fogo, exorta aquela fecunda messe de valores intelectuais católicos a realizar o lema felicíssimo destas jornadas de pensamento em acção: «Estar presente, servir a Igreja».

Após o pequeno almoço volante, nos claustros da Sé, toda a massa de congressistas, num belo exemplo de fraternidade cristã entre mestres e discípulos, entre rapazes e raparigas, parte, em excursão de merecido repouso, para três direcções distintas. O grupo mais numeroso embarca para o estuário do Tejo. Outro, em 10 camionetes, vai para a costa do Sol e serra de Sintra, onde passa a primeira parte da tarde, através do parque, desde os Capuchos a Colares e vila. Outro, ainda, fica-se por Cascais e pela mata de Santo António do Estoril.

As quatro, concentram-se todos, de novo, no pavilhão das Oficinas do Instituto Superior Técnico. É a última reunião plenária. Estão presentes mais de duas mil pessoas. Preside o Prof. Dr. Costa Pimpão, de Coimbra. Lê-se o expediente. O Chefe de Estado agradece as saudações enviadas pelos congressistas. Há, ainda, adesões de Prelados e votos da Juventude

BROTÉRIA

Católica do Brasil, bem como de outros organismos da <sup>Presidência</sup> ~~Associação~~ Católica: <sup>J.A.C., J.E.C., J.T.C. e J.H.C.</sup>

O Prof. Dr. Augusto Vaz Serra procede à leitura da sua tese: «A Universidade e a Igreja». As relações entre a Universidade e a Igreja deduzem-se, facilmente, do conceito histórico de ambas. A Universidade tem uma função informativa e formativa. O espirito universitário caracteriza-se, cada vez mais, por estas notas: vocação, entusiasmo, rebeldia, generosidade, intransigência, consciência histórica e catolicismo. Na Igreja, comunidade dos cristãos, formadora das consciências, dominam quatro virtudes essenciais: verdade, moralidade, amor e heroísmo. A doutrina da Igreja é coe-rente com o progresso da ciência e suas aplicações. O ~~nostro mestre~~ ~~Colombo~~ historia e justifica a erecção das Universidades católicas e aponta, como um direito e uma necessidade, a criação da Universidade Católica Portuguesa. O exercício dos direitos da Igreja é providência e não inge-rência. A instauração de cursos de Deontologia, em todas as Faculdades, terá a mais salutar influência na renovação moral da consciência univer-sitária.

Por absoluta falta de tempo, não pôde proceder-se à leitura das comu-nicações destinadas a esta jornada. São dignas de menção, todavia, pelo seu excepcional valor, a de Luis Archer, S. J., de Braga: «O papel da filosofi-a entre a especialização científica e a síntese universitária»; a de Ana da Encarnação Subtil Roque, de Coimbra: «Fins da Universidade»; a de P. Álvaro Gomes do Santos, de Coimbra: «Cultura religiosa superior»; a de J. Enrique Dias Nogueira, de Coimbra: «Ensino de Direito eclesástico na Faculdade de Direitos»; e de Augusto Gonçalves Lopes da Fonseca, de Coimbra: «A função da Teologia na síntese cultural». Encerra a sessão o Presidente, que sauda o Congresso pelo alto brilho que revestiram todos os seus actos e pelo *impeto de renovação*, que dele dimanou.

Após breve interrupção, entra na sala, Sua Eminência o Senhor Car-deal Patriarca, seguido de vários Prelados e personalidades em destaque na vida universitária, directores de Faculdades, professores catedráticos. As capas dos estudantes tapetam a passagem. Vai encerrar-se o Congresso. O Presidente da Comissão Executiva resume os trabalhos e agradece às representações estrangeiras. O Secretário Geral de *Pax Romana* regozija-se pelo convite, que lhe fora feito, e manifesta a sua agradável surpresa pelos progressos dos universitários católicos em Portugal, nestes últimos anos. Maria de Lourdes Pintassilgo, Presidente Geral da JUCF e da Comissão Executiva, sublinha a importância do Congresso para a renovação da Universidade, que unanimemente se preconizara. *Agradece a todos os que colaboraram nestas gloriosas e fecundas jornadas, e o desejo sério de perfeição que elas traduziam, em luta contra a mediocridade de alguns, o cepticismo de muitos e a indiferença de quase todos.* O Congresso, diz, foi um êxito. Não marca, porém, o fecho de uma série de trabalhos. É o despertar para a grande tarefa que começa. O que levam, dele, os congressistas, conscientes da gravidade dos problemas e da urgência da sua resolução, é

Facul-dade de Medici-na de Coimbra,

sóbre

sóbre

Dr. I

sóbre

sóbre "A função"

A SESSÃO SOLENE DE ENCERRAMENTO

orador

O Presi-dente e... renuncia... a co-municação... não apa-rentados para este reunião... e que por falta de tempo não puderam ser lidos.



uma admirável mensagem solene colectiva

uma inquietação, no corrente aferir da realidade com o panorama ideal que, aqui, se delineou. Para muitos dos congressistas, o Congresso foi a mais tremenda revelação das insuficiências e das lacunas da nossa vida de universitários; para outros, foi uma total viragem de esquema e orientação de vida; para todos, terá sido, sem dúvida, revigoração da vocação universitária, alargamento de horizontes, descoberta de rumos novos. Urge que compreendamos, até às últimas exigências, tudo o que se disse no Congresso. Não podemos ficar à espera de soluções ideais, que nunca chegarão, nem esperar, ingênuamente, que as dificuldades se resolvam por si mesmas. Marcamos o esquema dos verdadeiros fins da Universidade; vindicamos o seu genuíno carácter corporativo, a sua relevante função social. Frisamos a necessidade da Universidade católica, porque uma Universidade, de que Deus está ausente, não é plenamente Universidade. Não esqueçamos o papel do estudante. Ele não pode limitar-se a pedir e a receber, o que a Universidade lhe quiser dar. Tem de manter um papel essencialmente activo: iniciativa no estudo, livre exercício da sua capacidade de reflexão e crítica, amor desinteressado da Verdade. Deve ser o colaborador do professor. Os universitários católicos não pedem só uma Universidade nova. Reconhecem e aceitam as responsabilidades de ajudar a construí-la. Para isso, a JUC e a JUCF, dentro de 5 anos, realizarão o seu segundo Congresso Nacional. Este voto foi aprovado por aclamação. Seguiu-se a leitura das conclusões e votos do Congresso, que constituem uma verdadeira *Carta Magna* do conceito católico de Universidade. Aquela, em que se formulava a necessidade da criação imediata de Universidade católicas em Portugal, foi saudada de pé com as mais vibrantes aclamações de toda a assistência.

O Senhor Cardeal Patriarca fechou com palavras de ouro. Abrira, magnificamente, o Congresso. Encerrava-se, gloriosamente. Podia considerar-se um acontecimento histórico na vida nacional. Benditos sejam, disse sua Eminência, os que trouxeram esta alegria à terra cristã portuguesa. A actualidade e eficácia da Igreja, mais do que nunca, se patenteia à face do mundo de hoje. Os universitários católicos têm de ser os portadores de um Cristo vivo, a iluminar a inteligência e o coração. O pai de Montalembert, quando o filho entrava no seu gabinete, sem querer, levantava-se. Num repto oratório eloquentíssimo, Sua Eminência convidou toda a assistência a levantar-se, também, para saudar, louvar e aclamar a briosa, numerosa e heróica mocidade universitária, que acabava de dar ao país, com o seu Congresso, um tão elevado e fecundo exemplo de estudo e acção. E todos os presentes secundaram o ilustre Purpurado.

~~Há mais estrelas no céu pelos horizontes ganhos de esperanças, disseram ele no princípio. É o prenúncio de uma nova madrugada, que se anuncia, para a Igreja, para a Pátria e para a Universidade em Portugal.~~

G O M E S D E Z U R A R A

Orações do Congresso

Crônicas

Conclusões e Votos

Fotografias do Congresso dispersas pela parte da crônica

## Revista de revistas



**Igreja e o baptismo das crianças judias**, por Robert Rouquette. — A fuga de França para Espanha dos dois irmãos judeus Finaly apaixonou a opinião pública. Despertou em certos jornais violentas campanhas anticlericais. O caso em si é ainda pouco claro, tanto por parte dos sionistas como dos protectores católicos das duas crianças. Por isso, é preferível apontar os principios que se podem invocar acerca desta matéria.

Tem havido casos semelhantes. O mais célebre é o do pequeno Mortara, filho duma familia judaica, baptizado aos 11 meses por uma criada católica, em 1851, quando se encontrava em perigo de morte. A criança melhorou, e sete anos mais tarde a criada contou o successo a uma boa senhora, que o levou ao conhecimento das autoridades eclesiásticas. O Santo Officio informou-se da autenticidade dos factos e, segundo as normas dadas por Bento XIV mais de um século antes, deu ordem à guarda do Papa — Bolonha nesse tempo pertencia aos Estados Pontificios — para tirar o filho aos pais judeus. O pequeno Mortara foi educado num colégio católico, adieriu plenamente ao cristianismo, vindo a ser sacerdote e religioso. O caso levantou uma emoção enorme em todo o mundo, movendo-se contra ele os anticlericais, livre-pensadores, maçons e outros adversários da Igreja por toda a parte. Roma, porém, julgou que se tratava de um principio essencial e não cedeu. Outros casos semelhantes se deram no passado, mas tiveram menor retumbância.

Dever-se-á concluir, destes casos, que a Igreja considera como essencial o retirar as crianças baptizadas aos pais infieis? No Código do Direito Canónico, publicado em 1917, nada se encontra que permita hoje affirmá-lo explicitamente. No caso Mortara, applicou-se a regra tradicional, que remonta ao IV Concilio de Toledo (633), regra que aduz S. Tomás de Aquino, sancionada pelo papa Bento XIV. Os principios são os seguintes:

1.º — O baptismo não é uma simples filiação numa seita religiosa; cria uma situação ontológica existencial, donde brotam deveres, tanto para o baptizado como para a própria Igreja.

2.º — Contudo, tratando-se dum «adulto» o baptismo administrado contra a sua vontade explicita é inválido e ontologicamente inexistente. Sob o ponto de vista que aqui nos interessa, considera-se como «adulto» qualquer pessoa chegada ao uso da razão, ou seja geralmente a partir dos sete anos. Requer-se, por isso, normalmente, em tais casos, a adesão livre e consciente da pessoa interessada. No caso possivel dum «adulto» com uso de razão, que tivesse sido baptizado, não contra a sua vontade, mas sem